

EDITORA SUMARÉ
IDESP – Instituto de Estudos Econômicos Sociais e Políticos
Rua Desembargador Guimarães, 21 – Água Branca
Telefone: 36733259
Fax: 36731605
Cep: 05002-050

Copyright 2001 – Editora Sumaré

2ª edição

Capa: Germana Monte-Mór
Projeto Gráfico: Ana Novais
Edição Eletrônica: Ana Novais
Edição de Texto: Heloisa Pontes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

H673

História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1/Sergio Miceli
(org.) – São Paulo: Editora Sumaré, 2001, 576 pp.

ISBN: 85-85408-35-9

I. Ciências Sociais – Brasil – História. I. Miceli, Sergio.
II. Título

CDD-300.981

História das Ciências Sociais no Brasil

SBD-FFLCH-USP



251233

2ª ed. revista e corrigida

volume 1

org. Sergio Miceli
Fernanda Arêas Peixoto
Fernando Limongi
Heloisa Pontes
Lilla Moritz Schwarcz
Maria Arrinda do Nascimento Arruda
Maria Hemínia Tavares de Almeida
Maria Arrinda do Nascimento Arruda
Paul Preston



EDITORA SUMARÉ

ANEXO 2
 COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS:
 CLASSIFICAÇÃO DOS AUTORES MAIS PUBLICADOS ENTRE 1936-1960

AUTORES	ENTRE 1936-1960					TOTAL 1936-60
	1936-40	1941-45	1946-50	1951-55	1956-60	
Gilberto Freyre	3	5	2	3	—	13
Osvaldo Tarquínio de Souza	2	2	—	1	1	6
Luis Viana Filho	1	—	2	—	1	4
Nelson Werneck Sodré	1	2	—	—	1	4
Luis da Câmara Cascudo	—	—	2	2	—	4
Sérgio Buarque de Holanda	1	—	—	—	2	3
Oliveira Lima	1	1	—	1	—	3
Elioi Pontes	2	1	—	—	—	3
Lúcia Miguel Pereira	—	1	1	1	—	3
Alfonso Arinos de Mello Franco	1	—	—	1	—	2
Eucledes da Cunha	2	—	—	—	—	2
Pedro Calmon	1	—	1	—	—	2
Silvia Rabelo	—	2	—	—	—	2
Vivaldo Coaracy	—	1	—	1	—	2
Silvio Romero	—	1	—	1	—	2
Gastão Cruls	—	—	1	—	1	2

FRANCESES E NOBRES AMERICANOS
 NAS CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS
 1930-1960

Fernanda Aréas Palauze

A unificação da proximidade e distância em toda a relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado de maneira mais sintética dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição do estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação.

GEORG SIMMEL

Tomando como suporte para a análise as presenças francesa e norte-americana nas ciências sociais brasileiras, o objetivo deste trabalho é contribuir, por um lado, para a avaliação das relações intelectuais Brasil-França e Brasil-EUA e, por outro, para a reflexão sobre as implicações destas presenças estrangeiras na constituição de um novo campo intelectual no Brasil, quando começam a fazer parte do cenário cultural a universidade e os especialistas.

O contexto mais amplo que orienta a pesquisa é, portanto, o período 1930-1960, época de criação e crescimento das universidades brasileiras. Nestes trinta anos, focalizamos alguns momentos e situações particulares: São Paulo nos anos 30, com a chegada da missão francesa para inaugurar as atividades docentes na universidade, e no período 40/50, quando Donald Pierson encontra-se na Escola Livre de Sociologia e Política; Rio de Janeiro, com os acordos e projetos desenvolvidos através do Museu Nacional (30, 50/60) e o INEP (50); finalmente, Bahia, palco de grandes programas de investigação a partir de 50.

Acreditamos que com tal análise será possível explicitar dois padrões distintos de relação intelectual: os franceses, que têm a "missão" de trazer os ensinamentos científicos e humanistas cá para os trópicos, e os norte-americanos, para quem o Brasil é campo de investigação, objeto de doutoramento.

O Brasil eleger os franceses como mestres. Os norte-americanos escolhem o Brasil como "objeto". Docência e pesquisa, dois modos distintos de relação com o Brasil que têm origens em dois modelos contrastantes de ciências sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores como também pela história da institucionalização das novas disciplinas.

(1) BRASIL, OS FRANCÊSES, A USP

As missões científicas dos anos 30 não constituem um caso excepcional da presença francesa em território brasileiro. Desde o período inicial da história do Brasil, são inúmeros os "aventureiros" franceses e sucessivas as tentativas fracassadas de disputar com os portugueses a primazia da colonização. De fato, durante os séculos XVI e XVII, os franceses não se cansam de "descobrir" o Brasil. As expedições se sucedem: Villegagnon e Bois-le-Comte no RJ, Daniel de la Touche no Maranhão; os cronistas destas expedições narram seus feitos: o protestante Jean de Léry, o franciscano André Thevet e o capuchinho Claude d'Aberville (Barbosa, 1962).

Os séculos XVIII e XIX, a exemplo dos anteriores, continuam povoados por visitantes franceses. A. L. Garraux, em sua monumental *Bibliographie brésilienne*, registra esta vastíssima influência até 1898, isto é, no Brasil-Colônia, no Brasil-Império e no início da República.

O século XIX, especialmente, assiste à chegada de um número impressionante de estrangeiros ao Brasil, com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1808). O país se abre, a partir desta data, como campo de investigação para os cientistas europeus. Várias expedições, de nacionalidades distintas, cruzam o território brasileiro:

"Começa o Brasil a ser visitado por toda sorte de viajantes. Pintores à procura de paisagens, botânicos, zoólogos, etnógrafos, geólogos, turistas dos dois sexos, âvidos de sensações novas, comerciantes, príncipes dados às ciências naturais. As academias científicas europeias induzem os governos a mandarem missões ao Brasil, os diplomatas trazem, adidos às suas embaixadas, intelectuais de valor, que aproveitam a estadia para estudar o país" (Moraes, R., 1940, p. 11).

No que diz respeito aos franceses, podemos destacar a presença do naturalista Saint-Hilaire, que desembarca no Brasil em 1816 e aqui levanta material para uma importante obra científica (*Flora Brasiliæ Meridionalis*, 1822), além de deixar registradas suas andanças pelo país em nove volumes. Nesta mesma época, ainda sob os auspícios da Coroa portuguesa, vem ao Rio de Janeiro uma missão cultural francesa, convocada por D. João VI, para a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. O mestre mais importante do grupo, Jean-Baptiste Debret, relata seus quinze anos de vida brasileira na grandiosa *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Não é à-toa que são os franceses os estrangeiros eleitos para integrarem tal missão. A França é um modelo de "inteligência" já para Portugal, país fortemente marcado pela influência francesa (Barbosa, 1962, p. 21).

É inegável que no século XIX, e mais precisamente na passagem do Império para a República, o modelo francês (*leia-se parisienne*) funciona como organizador da vida cultural

carioca.¹ Se no Rio de Janeiro a influência francesa é fortemente sentida nas idéias, costumes e modo de vida, São Paulo, cidade menor que a Corte, também inicia seu processo de "afrancesamento".

"(...) Não somente os políticos falavam e agiam segundo o modelo de Guizot e Thiers, mas em tudo se fazia copiando os figurinos e as revistas de Paris: roupas, chapéus, casas, reuniões, solenidades" (Barbosa, 1962, p. 27).

Garraux, que se transfere para São Paulo por volta de 1860, tem um papel decisivo neste processo, já que as livrarias representam, entre outros, um foco irradiador da literatura e da cultura francesas.

Mas não apenas os franceses e, com eles, a França vêm até o Brasil; brasileiros também saem para estudar na metrópole cultural da época. Os grandes nomes do café, por exemplo, Martinho Prado, Elias Chaves, bem como o Barão de Piracicaba, ao lado de outros nomes de sua geração, formam-se em Paris, ou pelo menos, estabelecem fortes ligações com a cidade (Barbosa, 1962, p. 29). Tal trânsito se mantém, e até se intensifica, no século XX, quando é relativamente comum aos membros de uma certa elite estruturada na França ou em universidades européias (Paulo Prado, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, Rui Paula Souza, entre outros).

O final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, particularmente o período pré-guerra de 1914, podem ser descritos como um momento de intenso contato com a França. No plano científico, são as idéias de evolução, o darwinismo, o positivismo e o materialismo que encontram eco nas elites políticas e intelectuais brasileiras. No plano cultural, a literatura de Zola, Maupassant, Verlaine e Rimbaud, além das obras dos naturalistas, dos simbolistas,

1. "O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo no Rio de Janeiro. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e os livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o fazer as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio" (Sevcenko, 1983, p. 36).

dos impressionistas. Circulam também no Brasil os filmes, da Pathé Frères e da Gaumont, o teatro de Regina Badet, Suzanne Peyrès e Sarah Bernhardt (Schwartzman, 1972a, p. 86 e Broca, 1979, p. 9).

Os anos 20 merecem particular destaque quando falamos em relações culturais franco-brasileiras, pois em 1925 um importante passo é dado no sentido de intensificação destas relações. Trata-se da criação, por iniciativa do grupo do jornal *O Estado de São Paulo*, do *Leiternário Brasileiro*, considerado um embrião da futura Universidade de São Paulo. Segundo Cruz Costa, aqui estiveram o psicólogo Henri Piéron (1925); Georges Dumas, no ano seguinte em 27, Francouret e o padre Yves de la Bière, diretor da revista *Études*; Paul Rivet, em 28, e o também psicólogo Pierre Janet (1920). P. Francouret e G. Dumas, já na segunda metade de 1927, enfatizavam a necessidade de criação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em São Paulo. Neste sentido, Dumas, teria se comprometido a enviar, anualmente, ao Brasil professores de várias universidades francesas (Carvalho, I., 1982, pp. 61-62). Data dos anos vinte, também, a criação de uma cadeira de Estudos Brasileiros na Sorbonne, sucessivamente ocupada por Oliveira Lima, Arrojado Lisboa e Rodrigo Orávio.

Georges Dumas (1886-1946), filósofo, médico e psicólogo francês, é uma figura chave na organização da vinda dos franceses para a FFLC da USP, criada em 1924.² Júlio de Mesquita

2. "(...) muito antes da fundação da nossa faculdade, já os professores franceses aqui tinham um saliente papel. Foram eles, nos saudosos cursos de conferências de outro tempo, que prepararam o caminho que iria levar à fundação da nossa atual faculdade" (Ariz Costa, 1945).

3. Georges Dumas, pensador de origem protestante, construiu sua carreira entre a medicina e as letras. Após a conclusão de seus estudos secundários no Liceu de Niamey, impressa em 20 anos na *École Normale Supérieure* (Letras). Em 1889, é agrégé de filosofia, em 1894, doutor em medicina e em 1900, obtém o *doctorat-ès-lettres*. Já em 1886, torna-se chefe do laboratório de Psicologia Patológica da Clínica de Doenças Mentais da Faculdade de Medicina, posto que conservará até a sua aposentadoria. De 1894 a 1902, leciona filosofia no *Collège Chapal*. Escreveu: *Tolstoi et la folie*; *Psychologie de deux masses positivistes* (*Auguste Comte et Saint-Simon*); *Le Sourire*; *Néurose et psychose de guerre chez les australiens*. Contribui com seus trabalhos para o desenvolvimento da Psicologia experimental

Filho encarrega Teodoro Ramos, matemático e professor na Escola Politécnica, de ir à Europa contratar professores. Seu itinerário de viagem é Itália (onde são escolhidos os matemáticos principalmente) e França, onde é Georges Dumas, de fato, quem elegos nomes.⁴

A origem dos contratos de Dumas com o Brasil remonta a 1907-1908, quando é ele então convidado por um de seus alunos de nacionalidade brasileira a dar conferências no Rio e em São Paulo, na "Sociedade de Psicologia". Paul Appell, matemático e professor na École Normale Supérieure (ENS), ao tomar conhecimento da viagem, pede a Dumas que viabilize a atuação do *Groupe ment des Universités et Grandes Écoles de France pour la relation avec l'Amérique* (por ele fundado em 4.2.1908 no Brasil).

Tal *Groupe ment* tinha como programa básico "manter e desenvolver as afinidades intelectuais entre os latinos da América e os da França, organizar uma colaboração metódica envolvendo universidades e grandes escolas francesas e americanas, tornar a América Latina conhecida na França" (Lesca *apud* Martinière, 1982, p. 55). E. Martinière, seu secretário a partir de 1909, é o responsá-

c fundou com P. Janet *Le Journal de Psychologie normale et Pathologie* (1904). Sob sua direção foi publicado um importante *Traité de Psychologie* (1923-1924), reeditado em 1930-1948 (Martinière, 1982, pp. 39-68).

4. A versão de R. A. Bastide sobre o assunto merece ser assinalada: "Bom, como aconteceu? Então, designaram um professor brasileiro que se chamava Teodoro Ramos para viajar à Europa a fim de contratar professores. Não sei bem se houve uma influência italiana, sua viagem foi orientada para Roma e Itália. Não sei se atrás disso houve já uma escolha, mas Júlio Mesquita telefonou ou mandou um telegrama a seu amigo Georges Dumas: um professor encarregado que vai a Roma, ele vai passar por Paris depois, mas é o encarregado. Ele foi a Roma porque talvez as relações com Roma fossem boas nesse tempo. Logo, logo, Dumas foi a Roma, ele foi lá encontrar Teodoro Ramos. Não tinha idéia de roubar qualquer coisa prestabelecida com os italianos. Dumas disse a ele que sabia que iria contratar professores italianos, mas que seria um prazer se ele contratasse também professores, como nós". Adiante, na mesma entrevista, sublinha P. A. Bastide, "(...) Dumas escolheu ditatorialmente segundo seu palpite", Arbousse-Bastide, 1981/4, pp. 20-21. Além dos italianos e franceses, Teodoro Ramos contratou uma comissão de alemães, um professor português (para Língua e Literatura Portuguesa) e um espanhol (para Língua e Literatura Espanhola). Ver Schwartzman, 1979b, p. 209.

vel pela publicação de uma revista *Bulletin de la Bibliothèque Américaine*, que aparece em março de 1910, com o apoio do Ministério de Assuntos Estrangeiros. Também é obra do *Groupe ment* a fundação, em Paris, de um *comité d'accueil* a estudantes estrangeiros (do qual Dumas faz parte) e a criação de um *livret de l'étudiant en France*, distribuído em toda América Latina. Outro beneficiário direto do *Groupe ment des Universités* é o *Comité France-Amérique*, fundado em 1909 e presidido por Gabriel Hanotaux, com o objetivo de unir as duas Américas, a do Norte e a do Sul, ligando-as mais estritamente à França.

Georges Dumas é, então, nesse contexto maior de investimento na aproximação com a América, o elo de ligação com o Brasil. Quando retorna ao país em 1917/18, enviado pelo governo francês como médico do exército (é dessa época a criação do "Hospital Brasileiro"), aproveita para detalhar o plano de criação de liceus franceses no Brasil. De fato, é o ensino secundário e, portanto, a criação de liceus franceses na América Latina, a grande meta do *Groupe ment des Universités*: "O liceu francês deveria dar à cultura nacional brasileira a cultura francesa tal como ela está organizada nos liceus de Paris... Associar o Brasil a nós não é absolutamente tentar a conquista intelectual deste país... é simplesmente aconselhá-lo... Longe de se chocarem, os interesses são os mesmos... mais o Brasileiro se aproxima da França, mais ele se encontra com ele mesmo. Ele é latino como nós..." (Dumas *apud* Martinière, 1982, p. 63).

As missões universitárias dos anos 30 devem ser entendidas como um desdobramento desse intercâmbio que se intensifica com a criação dos liceus no Brasil (o do Rio de Janeiro é de 1916). A criação da Universidade com missões francesas atende a um duplo interesse: por um lado, o interesse francês na "conquista" da América (e do Brasil); por outro, a demanda da elite local brasileira no sentido de ilustrar-se, de modernizar-se, de formar quadros. Dumas não poderia ser mediador mais adequado: médico (chega ao Brasil num momento de grande êxodo da Medicina, em virtude do vitorioso combate à febre amarela e à varíola no Rio de Janeiro) e especialista na filosofia comtista (não

é preciso lembrar, mais uma vez, o sucesso do positivismo no Brasil) (Martinière, 1982).

Os franceses e a França estão *partout* na São Paulo dos anos 30. Os professores que vieram inaugurar a USP não destoam da vida cultural local ao darem suas aulas em francês, por exemplo. Para os alunos das primeiras turmas da USP (ou pelo menos, para boa parte deles), a língua e a cultura francesa fazem parte do cenário cotidiano: o cinema de René Clair e Marcel Carné, as antigas *chansons à boire* ao lado de Maurice Chevalier e Piaf, o teatro de *L'Atelier*, isso sem falar em Mauriac, Gide e Benjamin Constant (Souza, G., 1981/4, v. 1, pp. 34-157). P. A. Bastide confirma: "na época vigorava, ainda, uma universalidade da língua francesa que chegou a nos surpreender (...). Sem ser grã-finos, nossos alunos tinham um conhecimento suficiente do francês. O mesmo não ocorreu com os professores italianos e alemães que chegavam conosco" (Arbousse-Bastide, 1978b). Ou, nas palavras de Lévi-Strauss: "naquela época, um francês poderia se sentir em casa no Brasil. Todo brasileiro, um pouco cultivado, falava francês" (Lévi-Strauss, 1983).

É interessante pensarmos, a título de comparação, a situação carioca. A Faculdade Nacional de Filosofia é criada em 1939, seguindo de perto a experiência paulista. É Dumas, mais uma vez, o intermediário na contratação de professores franceses. A diferença é que no Rio este convite foi realizado por vias oficiais, com autorização direta de Vargas. Além disso, um requisito básico é exigido dos novos professores: que sejam ligados à Igreja. São eles: Poirier (filosofia), substituindo Gouthier, Ombredonne (psicologia); Jacques Lambert (sociologia), que já havia estado em Porto Alegre em 37, Fortunat Strowski (literatura francesa), André Gros (política), Gilbert (geografia humana), Antoine Bon (história antiga e medieval) e Maurice Byé, que também esteve em Porto Alegre, em 37, substituindo François Perroux (Schwartzman e outros, 1984).

Não podemos nos esquecer que coube a um outro grupo de franceses iniciar as atividades da Universidade do Distrito Federal, em 36: Émile Brehier (filosofia), Eugène Albertini, Henri Hauser, Henri Tronçon (os três de história), Gaston Leduc (lingüística), Pierre

Deffontaine (geografia) e Robert Garric (literatura). Sobre os dois últimos subtemos que, ao lado de F. Perroux, lebonatam no Rio e em São Paulo: "São os únicos da turma que tinham contato com o Rio, o resto da turma, nós não: lá era Getúlio" (Arbousse-Bastide, 1978b, p. 16).

FRANÇÊS E NO INÍCIO

Quando pensamos nos mestres franceses que vieram inaugurar a FFLCH da USP, a primeira imagem que nos ocorre é a de jovens em início de carreira, sem títulos nem publicações. Como toda imagem, esta não é falsa em si mesma, porém obscurece diferenças que explodem por todos os lados: nas relações com a ocupação, com as, nos estilos em sala de aula, nas relações com a sociedade brasileira etc. (1) olhar que se coloca e distingue parece ser, então, a ferramenta mais útil para a construção de estes personagens.

(1) tempo de permanência no Brasil é um primeiro elemento diferenciador. Em um rápido passar de olhos pelo *Who's Who*, tal fato se evidencia: linhas que se interrompem rapidamente, outras que se estendem. Vemos, também com clareza, que entre 34 e 39 o fluxo é intenso, registrando chegadas anuais. De 39 a 45, o período da guerra, o branco revelador de ausência indica a interrupção deste processo, que só seria retomado a partir de 46. Os professores desta segunda "leza" são em menor número e permanecem menos tempo no Brasil (com exceção de Granger, que fica seis anos). Por outro lado, professores visitantes passam pela Universidade; alguns novos, como Francis Ruellan e Philippe Wolff, outros, velhos conhecidos (Coomans, Braudel, Paul Rivet).

O período da guerra foi responsável não só pela interrupção do fluxo, mas também pela permanência prolongada de alguns, como P. Monbeig, P. A. Bastide e R. Bastide. Foi uma época difícil para os professores que aqui ficaram, de acordo com os depoimentos de J. Maugué e P. A. Bastide. Segundo este, houve um novo momento de ataque à missão francesa, após a campanha de 37 iniciada pelo jornal *A Gazeta*, com o apoio dos integralistas, liderada por Casper Líbero.

QUADRO I^a
MISSÃO FRANCESA - USP

	1934	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	62	72
Émile Coornaert x																											
Paul A. Bastide √																											
Pierre Deffontaine Δ																											
Etienne Borne α																											
Jean Maugué α																											
Fernand P. Braudel x																											
Lévi-Strauss √																											
Pierre Monbeig Δ																											
François Perroux †																											
René Courtin †																											
Jean Gagé x																											
Roger Bastide √																											
Pierre Frammont †																											
Paul Hugon †																											
Georges Gurvitch √																											
Gilles G. Granger α																											
Roger Dion Δ																											
Émile G. J. Léonard x																											
Martiel Guérault α																											
Pierre Gourou Δ																											
Charles Morazé √																											
Jean Glénisson x																											
Paul Rivet √																											
Francis Ruellan Δ																											
Philippe Wolff x																											
Maurice Lombard x																											
Frédéric Mauro x																											
M. Bataillon x																											
Jacques Godechot x																											

Legenda

- x - Historiador (cadeira de H. da Civilização)
 √ - C. Social (cadeira de Sociologia, Antropologia e C. Política)
 Δ - Geógrafo (cadeira de Geografia F. e Humana)
 α - Filósofo (cadeira de Filosofia, H. da Filosofia e Psicologia)
 † - Economista (cadeira de Economia P., Finanças e H. das D. Econômicas)
 --- Professor visitante

«Denunciaram publicamente o fato, que era real mas era segredo, de que nós tínhamos aderido ao movimento de De Gaulle, que os professores estrangeiros estavam fazendo política na Universidade. Havia os franceses que se conformaram com Vichy e os franceses que apoiaram a Resistência de De Gaulle. Até que o Brasil entrou na guerra! Tudo mudou!» (Arbousse-Bastide, 1978b, p. 31).

Além de tal campanha, à qual aderiram alguns professores da atual PUC e de diferentes alas da direita, com a nomeação do Prof. Alexandre Correa, os mestres franceses começaram a sofrer uma série de pressões. Uma delas: as aulas deveriam ser dadas em português (Arbousse-Bastide, 1978).

Mas eram estes professores da missão francesa, jovens em início de carreira, como afirma o próprio Maugué em sua autobiografia? Esta questão só poderá ser, de fato, respondida após a realização de uma etnografia do grupo, onde devem ser acompanhadas trajetórias individuais. O *Quadro II* foi elaborado justamente visando atender a este fim, isto é, compreender os percursos de cada um dos personagens e o lugar que o Brasil ocupa no contexto das carreiras particulares. Como repercutiu o período brasileiro nestes itinerários? A idéia é permitir uma percepção geral de dois períodos: um "antes" e um "pós" a vinda para o Brasil. A etapa brasileira representaria um corte na carreira ou, ao contrário, uma possibilidade de prosseguir, com sucesso, a carreira francesa? Ou ainda, uma etapa qualquer, sem maior ressonância?

Parece importante esclarecer os critérios que nos levaram a destacar certos elementos para a construção da carreira. Em primeiro lugar, os licenciatos já estabelecem algumas distinções entre os futuros candidatos ao ensino superior. Passar por um *grand lycée* em Paris, principalmente, significa ter estado no melhor que o secundário podia oferecer.

De qualquer maneira, o licenciatado não tem um peso fundamental na carreira como tem, por exemplo, a passagem pela *École Normale Supérieure*. Karady, ao fazer um balanço de expansão uni-

5. Um licen é "grande", não só pelo seu tamanho mas, fundamentalmente, por ser tradicional, mais antigo.

veritária na França entre 1870 e 1910, mostra que "(...) o sucesso ou fracasso na *École Normale* marca a primeira etapa de seleção na ascensão profissional e constitui de fato o título decisivo para toda a carreira (...)" (Karady, 1973, pp. 443-470). A passagem pela ENS não significa apenas mais um crédito, já que repercuta diretamente na obtenção dos demais títulos: *agrégation*, *doctorat*. São os *normaliens*, "elife precocemente escolhida" até 1910, que ocupam os postos preferenciais do sistema de ensino: grandes liceus em Paris, faculdades em Paris e Sorbonne.

Ainda que a partir de 1910, e principalmente no pós-guerra, este quadro se altere diante das enormes levas de *agregés* e *docteurs* produzidos fora da *École Normale Supérieure* (ENS) e também pelo aumento de prestígio de outras instituições até então "marginais", como a *École Pratique des Hautes Études*, a ENS continuou a gozar de *status* especial nos anos 20 e 30.⁶

A *agrégation* é o primeiro título, propriamente dito, na carreira do professor, que está assim habilitado para o ensino secundário. O *doctorat* é o passo seguinte para quem almeja o ingresso no ensino superior.

Estes elementos, sem dúvida, nos auxiliam a compor um perfil mais geral do profissional mas *não são suficientes* para a avaliação efetiva da carreira francesa:

"O mesmo título esconde as modalidades de aquisição que acrescentam ou subtraem seu valor profissional ('ranking', menção, lugar), e que o ramo de estudos (tipo de 'agrégation', objeto de 'doctorat') introduz elementos de heterogeneidade pouco visíveis mas essenciais no mercado" (Karady, 1973, p. 463).

Feitas estas considerações, olhemos para o que o *Quadró* II nos mostra. Em relação às idades, podemos dizer que variam em

6. "Era tal seu processo de seleção (o *Khâgne*, como era conhecido o difícil ano de estudos preparatórios), tão elaborado o seu programa, o ambiente tão parecido ao das fraternidades nas faculdades americanas, que os formados na ENS pareciam uma raça à parte" (Lortnam, 1978, p. 37). Paul Arbonse Bastide, ao explicar o seu "fracasso" e o de R. Bastide na *agrégation* em 34, diz que sem dúvida os alunos da ENS possuíam maiores chances de sucesso no concurso por serem melhor preparados. Cf. Arbonse-Bastide, 1978a.

torno dos 35 anos, sendo os mais jovens Lévi-Strauss e P. Monbeig com 27 e Émile G. Léonard, o mais velho, com 57 (se aqui estiverem incluídos os professores de língua e literatura francesas, a média de idade seria mais baixa). Em relação às carreiras, o quadro revela: alguns professores de *petits lycées* sem nenhuma experiência no ensino superior, como J. Mauglié, Lévi-Strauss, P. Monbeig e R. Bastide, outros com uma experiência curta no ensino superior (J. Caygé, suplente na Faculdade de Letras de Strasbourg e P. A. Bastide, suplente na Faculdade de Letras de Besançon), F. Brandel que havia estado em *grands lycées* em Paris e, finalmente, os doutores e professores universitários, por exemplo François Perroux (doutor em direito e prof. na Faculdade de Lyon), P. Deffontaines (prof. nas Faculdades Católica de Lille), Pierre Frommont (prof. na Faculdade de Direito de Rennes), Émile G. Léonard (prof. na Faculdade de Letras de Caen e Aix-en-Provence) e Jean Glénisson (subdiretor de estudos na F.P.L.P.).

A imagem inicial no grupo retrata: trata-se de jovens em início de carreira, no que tudo indica, principalmente os professores que chegam antes da guerra. Ainda que entre eles se encontrem doutores, com livros publicados e cadeiras em faculdades, não possuem maior projeção no meio intelectual: davam aulas em liceus ou em faculdades fora de Paris, publicavam nas regiões em que lecionavam etc.⁷

(Georges Gurvitch é uma exceção dentro do grupo. Russo de nascimento, inicia sua vida acadêmica na Universidade de Leuven e, posteriormente, na de Praga. Obteve a nacionalidade francesa em 1929 e inicia a carreira na França com relativo êxito. Em 35, substitui M. Halbwachs na Universidade de Strasbourg; em 46, após período nos EUA, funda o *Centre d'Études Sociologiques*, com o apoio do CNRS e os *Cahiers Internationaux de Sociologie*, publicados pelas editoras Seuil e Presses Universitaires de France.

7. P. A. Bastide afirma ser esta uma diferença entre os professores do Rio e de São Paulo: "Mas a inspiração do Rio foi bem diferente, já eram chamados professores já consagrados, já medalhões" (Arbonse-Bastide, 1978b). Seria necessário, em um momento posterior, avaliar as diferenças entre o grupo que vem antes da guerra (1945) e o que vem depois.

QUADRO II
PERFIL DA CARREIRA

MISSÃO FRANCESA USP	DATA DE NASCIMENTO	LICEU ONDE ESTUDOU	ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE	AGRÉGATION	IDADE COM QUE CHEGA AO BRASIL	ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTES DA VINDA PARA O BRASIL	PERMANÊNCIA NO BRASIL	ATIVIDADES PROFISSIONAIS APÓS A SAÍDA DO BRASIL
Émile Coornaert	1886 Hondschoote	"Petit-lycée" Hondschoote	não		48 anos	Colaborador de <i>Annales</i> , desde 1932	1 ano	Professor da Sorbonne; prof. no Collège de France; 1956/eleito para a Academia de Instrução e Belas Artes do Instituto de França; um dos diretores da revista <i>Information Historique</i>
Paul-Arbousse Bastide	1899 Gard (Cévennes)	"Petit-lycée" em Boulogne-sur-mer	não	1928 Filosofia	35 anos	Professor de liceu em La Rochelle e suplente na Faculdade de Letras de Besançon	12 anos	46 a 49/Radio France (prog. em português); prof. no Liceu Janson de Sailly; 53 a 56/prof./Univ. de Rennes; 66 a 72/leciona Psicologia Social na Sorbonne
Pierre Deffontaine	1894 Limoges			1920 História e Geografia	40 anos	Professor da Faculdade Católica de Lille	1 ano	
Étienne Borne						Colaborador da revista <i>Esprit</i> , desde 1932	1 ano	1972/lança <i>Mounier</i> na coleção "Philosophes de tous les temps"; integrante do <i>Centro Católico de Intelectuais Franceses</i>

MISSÃO FRANCESA USP	DATA DE NASCIMENTO	LICEU ONDE ESTUDOU	ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE	AGRÉGATION	IDADE COM QUE CHEGA AO BRASIL	ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTES DA VINDA PARA O BRASIL	PERMANÊNCIA NO BRASIL	ATIVIDADES PROFISSIONAIS APÓS A SAÍDA DO BRASIL
Jean Maugué	1904 Cambrai	"Grand-Lycée" Paris	1926-1930 Filosofia		31 anos	Professor no liceu de Montluçon	9 anos	Funções diplomáticas: Conselheiro de Embaixada/ Buenos Aires até 1947; prof. de liceu na França
F. Paul Braudel	1902 Lunéville en-Ornois	"Petit-Lycée" Mériel		1923 História	33 anos	Professor nos liceus Pasteur, Condorcet e Henri IV/Paris; prof. em Argel	3 anos	1938/ diretor de estudos na EPHE; 1939/ Guerra; 1940/ prisioneiro durante 5 anos (redige sua tese "La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II"); 1946/ um dos diretores dos <i>Annales</i> ; 1949/ Collège de France; 1962/ diretor da Maison des Sciences de l'Homme
Lévi-Strauss	1908 Bruxelas	"Petit-Lycée" Paris	não	1931 Filosofia	27 anos	Professor nos liceus de Mont-Marsan e Laon	3 anos	Missão científica nos EUA durante a guerra; conselheiro cultural da embaixada francesa nos EUA/1946-48; 1949/subdiretor do Musée de l'Homme; 1950/ diretor de estudos na EPHE; 1959/Collège de France
Pierre Monbeig	1908 Marissel			1929 História e Geografia	27 anos	Prof. no liceu de Caen	11 anos	1949/doutorado; 1950/professor./ Conservatoire des Arts et Métiers; 1960/prof. de geog./Fac. de Letras de Paris e diretor do Instituto de Altos Estudos da América Latina

continuação na p. 492

MISSÃO FRANCESA USP	DATA DE NASCIMENTO	LICEU ONDE ESTUDOU	ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE	AGRÉGATION	IDADE COM QUE CHEGA AO BRASIL	ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTES DA VINDA PARA O BRASIL	PERMANÊNCIA NO BRASIL	ATIVIDADES PROFISSIONAIS APÓS A SAÍDA DO BRASIL
Francois Perroux	1903 Lyon				32 anos	Prof. Na Fac. de Direito de Lyon	1 ano	Funda o Institut de Science Économique Appliquée/ Collège de France/ 1955; 1960/diretor do Institut d'Études de Développement Économique et Social
René Courtin						Prof./ Faculdade de Direito de Montpellier1	1 ano	1941/lança <i>Le problème de la civilization économique au Brésil</i> /Paris/ Éd. De Médicis; um dos fundadores do jornal <i>Le Monde</i>
Jean Gagé	1902 Seine & Oise	"Petit-lycée" Versailles e "Grand-lycée"/Paris	1921-1924	1924 História	33 anos	Suplente na Faculdade de Letras de Strasborg (29 a 34)	8 anos	Professor do Collège de France (1955)
Roger Bastide	1896 Nîmes	"Petit-lycée" Nîmes	não	1924 Filosofia	40 anos	Professor nos liceus de Cahors, Lorient, Valence e Versailles	16 anos	54/prof. na E.P.H.E, e no Institut des Hautes Études d'Amérique Latine; 59/ prof. Titular/ Sorbonne; 61/ cria o Centre de Psychiatrie Sociale
Pierre Frommont	1896		1919-1923	1928 (na Faculdade de Direito/ seção Economia Política)	42 anos	Prof. na Faculdade de Direito de Rennes e na E.N. de Agricultura de Rennes	1 ano	

MISSÃO FRANCESA USP	DATA DE NASCIMENTO	LICEU ONDE ESTUDOU	ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE	AGRÉGATION	IDADE COM QUE CHEGA AO BRASIL	ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTES DA VINDA PARA O BRASIL	PERMANÊNCIA NO BRASIL	ATIVIDADES PROFISSIONAIS APÓS A SAÍDA DO BRASIL
Paul Hugon	1903				35 anos		54 anos	
Georges Gurvitch	1894 URSS		não		33 anos	Prof. nas Universidades de Braga e Strasbourg	2 anos	1949/professor/Sorbonne e E.P.H.E.; funda o Groupe de Sociologie de la Connaissance
Gilles-G. Granger							6 anos	Completa a tese de doutorado, o que lhe vale a cadeira de Filosofia da Universidade de Rennes
Roger Dion							1 ano	
Émile-G. Leonard	1891 Aubais (Gard)	"Petit lycée"/ província "Grand lycée"/Paris	não		37 anos	Doutor em letras/1932; prof. Fac. de Letras de Caen; prof. Fac. de Letras de Aix-en-Provence	2 anos	1949/substitui L. Febvre na E.P.H.E.; diretor de estudos/VI seção
Martial Guérault							1 ano	
Pierre Gourou	1900 Tunis						2 anos	

continuação na p. 494

MISSÃO FRANCESA USP	DATA DE NASCIMENTO	LÍNGUA ONDE ESTUDOU	ÉCOLE NÍVEL DE SUPERIEUR	AGRÉGATION	IDADE COM QUE CHEGA AO BRASIL	ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTES DA VINDA PARA O BRASIL	PERMANÊNCIA NO BRASIL	ATIVIDADES PROFISSIONAIS APÓS A SAÍDA DO BRASIL
Charles Morazé	1913 Lille	"Petit-Lycée"	não	1936 História e Geografia	35 anos	Historiador dos <i>Annales</i> ; 1947/responsável pelos projetos institucionais da Rockefeller na França; Prof. do Instituto de Estudos Políticos (1944)	2 anos	1967/diretor de estudos na E.P.H.E.; co-diretor dos <i>Annales</i> ; prof. na École Polytechnique; fundador dos <i>Cahiers d'Histoire Mondiale</i>
Jean Glénisson	1921 Jonzac/ Charente-Maritime	"Petit-Lycée"	não		36 anos	Subdiretor de estudos da E.P.H.E	1 ano	Diretor de estudos da E.P.H.E (VI seção)

Neste período, vem para o Brasil. Mas é somente ao regressar à França, em 49, que ingressa na Sorbonne e na E.P.H.E.

F. Perroux, por sua vez, é doutor e professor numa grande faculdade quando chega ao Brasil;⁸ porém é somente a partir de 40 que começa a obter renome. Em 44, funda o Instituto de Ciência Econômica Aplicada, em 55 é professor no *Collège de France* e desde 60 dirige o Instituto de Estudos de Desenvolvimento Econômico e Social.

Charles Morazé também iniciava uma carreira promissora antes da vinda para o Brasil em 1949. Em 1947, o jovem historiador do *Annales* é o responsável pela realização dos projetos institucionais da Fundação Rockefeller na França (Mazon, 1985). De qualquer modo, é nos anos 60 que tal carreira atingirá sua maturidade, quando Morazé passa a ser diretor de estudos na EPHF, co-diretor dos *Annales* e publica suas obras mais importantes: *Les bourgeois conquérants*, *La logique de l'histoire*.

O período no Brasil teve, de modo geral, algum tipo de repercussão na carreira destes jovens professores franceses. Mesmo os que aqui estiveram por pouco tempo (P. Defontaine, Émile Léonard, Francis Ruellan e Charles Morazé) se tornaram, de certa forma, especialistas em assuntos brasileiros. Evidentemente, os nomes de F. P. Braudel, Lévi-Strauss, F. Perroux e G. Gurvitch extrapolam a designação "especialistas", já que se transformaram em intelectuais de renome internacional, em função de obras de peso extraordinário. Caso curioso é o de Jean Gagé, que permanece um bom tempo no Brasil mas não escreve sobre o país. O Brasil, ao que parece, não alterou sua especialidade em história da civilização romana.

P. Hugon é outro caso a parte, pois não retomou a atividade na França. Radicou-se no Brasil, publicou a maior parte de seus trabalhos por editoras brasileiras e aqui se aposentou. Suas saídas foram temporárias, quando esteve em Portugal, no Cana-

8. Segundo informações de Karady (1973), até 1910 as grandes faculdades são as de Paris, Lyon, Bordeaux e Toulouse. Em menor escala, seguem-se as de Lille e Nancy.

dá e em outros países, realizando conferências e dando cursos sobre economia brasileira.

AS CIÊNCIAS SOCIAIS FRANCESAS NO PERÍODO ENTRE-GUERRAS:
A GERAÇÃO DE 1930

Para conseguirmos desenharmos com maior clareza o perfil dos personagens que vêm para São Paulo, a partir de 34, mostrou-se imprescindível o conhecimento do contexto de sua formação intelectual. Procuramos, então, esboçar um quadro que, embora genérico, nos fornecesse elementos significativos para a compreensão das ciências sociais francesas no período entre-guerras.

Seguindo as sugestões de Heilbron (1985), vemos que o período entre-guerras é marcado por duas tendências opostas. De um lado, os "durkheimianos", que desde o começo do século aumentam seu prestígio intelectual e institucional. De outro, uma nova geração que pretende romper com o "durkheimianismo", e redefinir a Sociologia.

De 1910 até os anos 50, a Sociologia possuía, além de Mauss no *Collège de France*, quatro cadeiras no ensino superior francês: a de Bouteaux, que, após Durkheim, é ocupada por Gaston Richard (até 30), Bonafous (30-40) e Jean Stoezel (45-55), a de Strabourg, criada por M. Halbwachs (1919-1935) e ocupada sucessivamente por Gurvitch (35-40 e 44-48) e Georges Duveau (48-58) e as duas da *Sorbonne*. A primeira tem Fauconnet (21-38), Halbwachs (39-40) e Albert Bayet (40, 44-48). A segunda é ocupada por Célestin Bouglé (1908-15, 19-35, 37-59), Halbwachs (35-37, 40-44), Albert Bayet (39-40) e Georges Davy (44-45).

Se a universidade é o caminho preferido pelos "durkheimianos", campo por excelência das batalhas travadas pela legitimação da ciência social, não podemos esquecer que, paralelamente à penetração no ensino superior, a Sociologia de Durkheim faz escola via *L'Année Sociologique*, que, mais que uma revista, preencheu as funções de um centro de pesquisa e estudos (Karady, 1979 e Besnard, 1979).

O prestígio e importância do "durkheimianismo" são facilmente aferidos pelo crescimento de seu espaço de atuação (além de *L'Année*, o grupo dominava os *Annales Sociologiques* e o *Institut Français de Sociologie*) e pelo recrutamento de intelectuais de áreas bastante distintas. Do *Institut*, por exemplo, faziam parte psicólogos como C. Blondel e Georges Dumas, historiadores (M. Bloch, A. Peganiol), etnólogos (M. Leenhardt, R. Maunier, P. Rivet) e também juristas, economistas etc. (Heilbron, 1985, pp. 207-208).

Os opositores de Durkheim, neste momento não constituem uma ameaça real. Os mais "poderosos" se reúnem em torno da *Revue Internationale de Sociologie* (1893-1939), dirigida por René Worms e da qual participavam Tardé e Espinas. Entre os poucos jovens colaboradores, destacam-se Gaston Bouthoul e Roger Bastide.

Falar em "durkheimianos" não significa haver, de fato, um grupo homogêneo e constituído. Ao contrário, como mostram os estudiosos do tema já citados, este era composto de subgrupos que se distinguiram, seja pelo local de trabalho (IHPH ou Sorbonne), seja pela vocação profissional: professor ou pesquisador. A própria equipe de *L'Année Sociologique* era nitidamente heterogênea, inclusive do ponto de vista intelectual, onde coexistiam leituras antagônicas da obra de Durkheim. As tendências políticas eram mais um divisor de águas: enquanto "pesquisadores", como Mauss, Simiand, Halbwachs, entre outros, eram socialistas, os "professores universitários" (Bouglé, Lapie, Parodi, Bayet etc.) estavam ligados ao partido radical, com exceção de Fauconnet, que mantinha ligações com os socialistas (Heilbron, 1985, p. 214).

A Sociologia, do modo como foi concebida por Durkheim, não deve ser entendida como mais uma disciplina, e sim como o *corpus* do conjunto das Ciências Sociais, a ciência social por excelência que englobaria, de uma certa forma, todas as outras. Isto é, a Sociologia francesa na acepção durkheimiana não é uma disciplina isolada, mas acima de tudo um método, com a ajuda do qual os fenômenos adquirem inteligibilidade. Logo, não é preciso ser sociólogo para fazer sociologia. Isto talvez explique o seu diálogo

com as demais disciplinas, o recrutamento de profissionais de áreas variadas (Lévi-Strauss, 1947, p. 515).

A Sociologia de Durkheim possuía fortes laços com a Etnologia (inclusive de parentesco), através de Marcel Mauss. De fato, antropologia e sociologia estão mescladas na própria obra de Durkheim. Além de seu trabalho mais antropológico, *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse* (1912), a contribuição individual de Durkheim à Etnologia é significativa em suas colaborações para a revista *Année Sociologique* — onde têm destaque os temas relativos aos povos primitivos e à literatura etnográfica — e em seus textos *La prohibition de linceste e l'essai sur quelques formes primitives de l'assivision*. O próprio Mauss, embora mais “antropológico” que Durkheim, pois mais sensível ao empírico, à “pesquisa”, e avesso às grandes sínteses generalizadoras, também tem sido utilizado em separar os dois termos, diz ele, “o lugar da sociologia é dentro da antropologia social” (Lévi-Strauss, 1976, p. 13).

Ainda que as distâncias existentes entre Mauss e Durkheim sejam inegáveis, Mauss coloca-se explicitamente como um herdeiro direto da tradição durkheimiana, sendo, inclusive, o braço direito do tio na revista *Année Sociologique*, da qual se tornará diretor após a morte de Durkheim em 1917. Assim, embora em permanente diálogo, as disciplinas possuem descon continuidades, ocupam espaços diferenciados. A Sociologia e os discípulos de Durkheim estão na universidade, enquanto Mauss e seus (poucos) alunos localizam-se, em 1925, no Institut D'Ethnologie (fundado com Lévy-Bruhl e Rivet); a partir de 1931, no Collège de France e, principalmente, na École Pratique des Hautes Études.

“Seus alunos não seguiam os cursos dos sociólogos na Sorbonne e não frequentavam o ‘Centre de Documentation Sociale’; a etnologia era um universo à parte, ao menos na experiência de muitos jovens (...). Raramente ‘normaliens’ ou ‘agregés’, eles eram, sobretudo, ‘outsiders’ no mundo universitário; a etnologia maussiana não era, aos seus olhos, uma continuação da sociologia de Durkheim, mas algo de ‘novo’, ligada ao exotismo, ao mundo da arte, ou simplesmente aos estudos de arqueologia, de história das religiões ou de línguas orientais” (Helbron, 1985, p. 230).

A Etnologia continuava, então, um universo à parte, formado pelos alunos de Mauss na EPHF, em íntima correlação com o *Musée Trocadéro*, dos anos 20 (futuro *Musée de l'Homme*, anos 30), lugar onde se desenvolviam as pesquisas etnológicas. A ligação com o mundo da arte, mencionada acima, não é fortuita; há um “narrador firme” entre os artistas, principalmente os ligados ao movimento surrealista, e os etnólogos. Por isso não soa estranho ao período que Michel Leiris, poeta e escritor, passe a frequentar os cursos de Mauss e torne-se um etnólogo, e que na revista literária *Documents*, editada por Georges Bataille e onde escrevem R. Desnos, Artaud, entre outros, encontremos colaborações de etnólogos como Marcel Griaule, Rivière e Rivet (Clifford, 1981). Se a Antropologia transita num amplo universo cultural, a Sociologia não fica atrás; mobiliza distintos ramos do conhecimento e atinge também certa vanguarda artística (vide *Collège de Sociologie*).

O lugar secundário ocupado pelo trabalho empírico é uma marca inegável da Sociologia francesa. Durkheim é um sociólogo de gabinete, assim como Lévy-Bruhl e Mauss. A tradição filosófica da disciplina une-se a falta de recursos para as pesquisas no país, até os anos 30. A Etnologia, empírica por definição, não conhece senão curtos períodos de trabalho de campo, com poucos recursos oferecidos pelas colônias. É justamente a partir desta data, com a entrada da Fundação Rockefeller no país, que o quadro se altera.⁹ Em 31, realiza-se a grande expedição francesa à África: a missão Dakar-Djibouti, da qual participam Griaule, Schaeffner, Leiris. Esta missão, dirigida por M. Griaule, torna-se famosa por sua influência decisiva no desenvolvimento do “africanismo”.

O africano é de fato o “outro” desvendado pela Etnologia e incorporado pelos surrealistas em sua crítica cultural. Os elemen-

9. Cf. Mazou, 1985. Curiosamente, a tradição filosófica que, em uma vertente presente do trabalho de campo, de uma outra perspectiva inspira-se na etnografia para a reflexão através de um Rousseau e de Montaigne, por exemplo. Isto é, por mais paradoxal que pareça, no contexto francês também os filósofos inspiraram o gosto pela pesquisa etnográfica: “na França, não foi a etnografia que estimulou a teoria da cultura e, através dela, outras ciências. Ao contrário, o impulso para investigações de campo emanou da filosofia”. Ver Lowie, 1981, p. 241.

tos do mundo "negro" impregnaram a vida parisiense: música, imprensa em geral, exposições realizadas com peças trazidas pelos membros da "missão" e até mesmo, os estúdios dos artistas são decorados com objetos africanos, fonte de inspiração para inúmeras obras produzidas (Clifford, 1981).

Se até os anos 30 as cadeiras de ciências sociais estão nas mãos dos "durkheimianos" e a Etnologia se desenvolve em uma outra esfera, a partir de então a nova geração que se forma, principalmente nos cursos de filosofia e letras, vai desenvolver uma nova estratégia de atuação no meio intelectual. Conhecido como a "geração da recusa", este grupo se colocará explicitamente contra o *establishment* universitário, procurando outros meios de expressão. Os exemplos se sucedem: Georges Friedmann, antigo aluno da *École Normale e agrégé* de filosofia, lança-se na vida literária com três romances, antes de começar sua carreira sociológica; Georges Duveau, um dos fundadores da revista *Esprit*, dirige uma pequena revista literária, *Loeuf dur*; o *Collège de Sociologie* (1937-1939), fundado por Bataille, Caillois, Leiris e Monnerot, desenvolve uma crítica radical à Sociologia universitária, numa tentativa de redefinir os limites da ciência (Heilbron, 1985, p. 227).

Na verdade, trata-se de um movimento maior da época. Os anos 30 são descritos, com unanimidade pelos comentaristas, como um período de rupturas. São os *années tourmentées*, como revela o título do livro de Daniel Rops publicado em 1932. "Estamos numa época de transição, de destruição e de criação", clama H. Lefebvre, sintetizando o "espírito dos anos 30", na expressão de J. Touchard (Winock, 1975, pp. 13-24).

A guerra de 1914-1918 é, sem dúvida, um primeiro corte entre duas gerações que se encontram, a partir desta data, brutalmente apartadas.¹⁰ Na cena econômica, aos anos de aparente prosperidade, segue-se a crise de 29. Na esfera política, a solução comunista não aparece mais como saída satisfatória para o capitalismo.

10. "Existe um abismo, duas épocas separadas por um só dia, uma hora, entre o mais jovem recrutado da classe 18, última classe combatente, e o mais antigo da classe 19, que dá origem às gerações mais jovens e à grande esperança 'brisée' do pós-guerra". Prévoist *apud* Winock, 1975, p. 15.

Para os jovens intelectuais da época (*des jeunes gens en colère*), tratava-se da falência do mundo capitalista e do pensamento burguês, como revela o livro de Emmanuel Berl de 29, *Mort et la pensée bourgeoise*. Os "não-conformistas" dos anos 30 são, acima de tudo, "anti", "contra"; procuraram novas vias entre esquerda e direita, reagem à ordem intelectual estabelecida (Ory e Sirinelli, 1986).

A série de revistas lançadas na época revela os esforços em criar novos espaços de intervenção: *Raction* (1930), *Revue Marxiste* (1929), *Plans* (1931), *La Critique Sociale* (1931), *Esprit* (1935), *Combat* (1935). Henri Lefebvre, filósofo, um dos fundadores da revista *Philosophies*, e posteriormente, da *Revue Marxiste*, define o clima do período:

"Nós, os jovens filósofos do pós-guerra, rechaçamos as idéias dominantes, tanto do positivismo como o intelectualismo da Sorbonne e de outro lado o bergsonismo do Collège de France. Nosso grupo buscava sua própria via, esse era o nosso postulado: buscar uma via diferente" (Lefebvre, 1976).

As viagens aparecem, nesse contexto, como uma saída possível, freqüentemente utilizada. O ofício do aventureiro, do viajante, é vivido principalmente por pintores (vide Gauguin) e escritores (Rimbaud, Saint-Exupéry, T.H. Lawrence etc.). É como se a sensibilidade moderna retomasse, de certa forma, a atração romântica pelo distante, pelo exótico. A ciência por sua vez, ganha novas adesões, permite outras viagens (Malraux, por exemplo, torna-se arqueólogo e vai para a Ásia). Na França, as viagens são inúmeras. Os anos 20, particularmente, são marcados por distintos tipos de exílio. Paul Nizan é mais um exemplo clássico desta opção. Crítico ferrenho do ensino da filosofia e dos professores universitários, a quem denomina *les chiens de garde*, Nizan segue para a Arábia (*Adén, Arábia*). Raymond Aron, seu colega de ENS, vai para a Alemanha continuar os estudos. Lévi-Strauss, J. Maugué e P. A. Bastide, jovens *agregés* de filosofia, vêm para o Brasil.¹¹

11. Sobre o "sentimento de orfanidade intelectual", que marca a época moderna e dá origem a viagens compulsivas, ver Sonntag, 1984, pp. 85-98.

BRASIL. UMA NOVA VIA?

O quadro esboçado pode nos ajudar a entender o contexto da partida dos professores franceses que vêm para São Paulo. Em primeiro lugar, vemos que o contato do "Grupo do Estado" com a França ocorre através dos "durkheimianos", principalmente, de Georges Dumas, Fauconnet e Rivet, também ilustres representantes do "durkheimianismo", são outros dois nomes que mantêm contato estreito com o Brasil e com brasileiros (este último, inclusive, amigo pessoal de Paulo Duarte).

Se é Dumas quem fez a escolha dos professores, a pedido de Júlio de Mesquita Filho, poderíamos supor que o interesse de ambos fosse na contratação de nomes ligados à tradição *durkheimiana*. Difícil afirmar se havia uma maioria de "durkheimianos" na missão. Poderíamos supor, entretanto, que dentre os jovens recrutados, alguns partilhavam do clima intelectual vivido pela geração de 30; por exemplo, Etienne Borne, colaborador assíduo da revista *Esprit* e Lévi-Strauss. Este declara ter havido um mal-entendido entre os mentores da USP, que contrataram um sociólogo discípulo de Durkheim, e ele, que tornou-se antropólogo, "contra a filosofia e contra Durkheim".

"Antes de mais nada no Brasil, onde os padrões da Universidade esperavam de mim que contribuisse para uma sociologia *durkheimiana* para a qual tinham sido orientados pela tradição positivista, tão viva na América do Sul, e pela preocupação de dar uma base filosófica ao liberalismo moderador, que é a arma ideológica habitual das oligarquias contra o poder pessoal. Eu chegava em estado de insurreição aberta contra Durkheim e contra todas as tentativas de utilizar a Sociologia para fins metafísicos" (Lévi-Strauss, 1957, p. 57).

Em outra passagem de *Tristes Tropiques*, reafirmando haver partilhado do clima crítico da época, explica a opção pelo Brasil:

"Desde meus estudos superiores, eu entrei em rebelião contra a filosofia. Surgiu a oportunidade de um posto em São Paulo, e eu o aceitei imediatamente e parti. Devo também reconhecer que eu não fui insensível aos exemplos de Nizan e de Soustelle, que

partiram, um para a Arábia, e o outro para o México" (Lévi-Strauss, 1955, p. 20).

Um outro nome, embora um pouco anterior à geração de Lévi-Strauss, se destaca como crítico à Sociologia de Durkheim, tendo se aliado precocemente aos membros da *Revue Internationale de Sociologie*. Trata-se de Roger Bastide. Tudo leva a crer que o seu homônimo, Paul Arbousse, ocupe posição contrária: primo de Geroge Dumas, parece ter sido um homem de sua inteira confiança. Segundo J. Maugué, Dumas pensou, inclusive, em torná-lo chefe da missão (Maugué, 1982, p. 85).

O Brasil pode ter surgido, então, nesse contexto, como uma nova via para os que se iniciavam profissionalmente. Mais um "exílio", porém com a promessa de um sucesso futuro. Por que não? Na França, não havia verba para pesquisa em ciências sociais, como já vimos, e as perspectivas de ingresso no ensino superior tampouco eram animadoras. A instabilidade político-econômica era mais um agravante. O Brasil poderia representar, desta perspectiva, o início de uma carreira universitária, um caminho outro:

"Desejava abandonar a França porque atravessávamos violências e incertezas: a ascensão do fascismo, mortes em passeatas, e uma atmosfera política carregada. Queria prosseguir minha carreira, iniciada em 1928, num país que estivesse vivendo um processo mais dinâmico em sua maior virgindade histórica (...). O Brasil era para mim, então, a terra 'dos possíveis', em relação ao mundo fechado que a França representava" (Arbousse-Bastide, 1978b).

Outros dados nos sugerem que o Brasil significava também um campo desconhecido e inexplorado pelos pesquisadores, uma possibilidade de especialização temática. No período, umas tantas novas fontes estão em expansão: "o indianismo" através de Bouglé, a "sinologia" via Granet e o "africanismo" pelas mãos de Griaule. O "americanismo" era mais um terreno em busca de estudiosos e os jovens mestres franceses, inspirados nas excursões pioneiras de Rivet, sabiam disso.¹²

12. "Mas, a maior parte dos meus colegas soube extrair do Brasil riquezas ainda mais decisivas. A etnografia francesa, executando o Museu do Homem, com Rivet e Soustelle, não conhecia os índios senão de ouvido. Ela jamais havia ido à cam-

Finalmente, não seria exagerado dizer que o conhecimento do Brasil permitia a construção de novos paradigmas. Os historiadores exemplificam claramente esta possibilidade. O interesse do grupo dos *Annales* pela América Latina é fato indiscutível desde a criação da revista. O artigo de Lucien Febvre, já no tomo I de 1929, "Un champ privilégié d'études: 1^o Amérique du Sud", inaugura uma linha "americanista" dentro da Escola. A América, para ele, representava um campo rico em experiências, uma lição de método (Martinière, 1982, p. 153). Tal interesse é ampliado por uma viagem de Febvre como conferencista a Buenos Aires e ao Brasil, em 1937, momento em que conhece Fernando P. Brandel. Aliás, é Brandel quem, posteriormente, reafirmará a tese de Febvre sobre a importância do conhecimento da América para as formulações sobre a própria história europeia; diz ele ter sido a experiência brasileira fundamental para a elaboração de suas teses sobre o Mediterrâneo.

A missão universitária dos anos 30 permite ao grupo dos *Annales* um acesso direto à Universidade de São Paulo e às investidas em território brasileiro: "A Escola dos *Annales* foi diretamente beneficiada pela primeira missão de universitários franceses enviados a São Paulo desde a criação da Universidade" (Martinière, 1982, p. 159).

OS NORTE-AMERICANOS

Se para o exame da presença francesa nas ciências sociais brasileiras, de 30 a 60, a USP representou o foco privilegiado de po' para observá-los, muito menos para viver um tempo com eles. Lévi - Strauss atribuiu a si a missão de encontrá-los e levá-los à França (...). Quando Roger Bastide obteve a cadeira de sociologia, ele encontrava seu futuro em uma nova voga, não mais a dos índios, mas a dos negros. E pelo mesmo cálculo que Lévi-Strauss, ele tornou-se o revelador diante dos franceses, da negritude, quer dizer, da sobrevivência no novo mundo de velhas práticas africanas (...). Quanto ao geógrafo Pierre Monbeig, casado com a filha do matemático Janet, membro do Instituto e ao qual Lévi-Strauss se ligou muito mais que a mim, pôde igualmente trazer do Brasil seu estudo sobre as zonas pioneiras".

análise, inicialmente parecia ser a "Escola Livre de Sociologia e Política" (ELSP) o ponto estratégico para a avaliação da presença norte-americana. Tal ideia, porém, se desfez inteiramente ao iniciarmos a investigação. E isso porque, ao contrário das ciências humanas na USP, onde de fato coube a um grupo de franceses iniciar as atividades docentes, na ELSP não houve uma "missão" norte-americana organizada, ainda que houvesse uma inspiração original no caráter prático e aplicado das ciências sociais dos EUA. Pela ELSP passaram professores de nacionalidades variadas - alemães, tchecos, ingleses, italianos etc. - e se um certo modelo americano se impôs, isto se deve menos ao número de norte-americanos ali presentes do que à marca que Donald Pierson iria imprimir ao projeto da Escola.

Se, para o caso francês, a USP e a docência mostraram-se "ganchos" eficazes para análise, no caso americano a estratégia revelou-se outra. Ali, é a pesquisa o fio condutor capaz de auxiliar a traçar um quadro explicativo mais amplo. Mesmo Pierson, aparentemente uma exceção já que aqui permaneceu dezito anos como professor, possuía um laço anterior com o Brasil via pesquisa, quando esteve na Bahia entre 35/37, levantando material para sua tese de doutorado.

Para melhor compreensão do tipo de relação intelectual que se estabeleceu entre Brasil-EUA, em comparação com o padrão francês, faz-se necessário um breve esclarecimento sobre o processo de institucionalização das ciências sociais na América no Norte.

ANÁLISE E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NOS EUA

Dois fatos chamam a atenção quando examinamos o processo de institucionalização das ciências sociais nos EUA, principalmente quando temos em mente o exemplo francês: a velocidade com que se dá tal processo e o caráter eminentemente empírico da Sociologia nascente. Os caminhos diferenciados trilhados pelas disciplinas, bem como a relação entre elas, oferecem novos contrapontos à situação francesa.

Os comentaristas apontam o grande crescimento do sistema de ensino superior na passagem do século e a receptividade das jovens instituições, livres do "peso" da tradição, às novas disciplinas, como fatores decisivos para a rapidez da institucionalização. O caráter de independência das universidades em relação a um poder central e sua relativa liberdade de direção, inclusive na gestão de verbas, são também elementos fundamentais para a compreensão do processo.¹³

Se a institucionalização da Sociologia nos EUA é mais rápida do que em qualquer outro país, na Universidade de Chicago é ainda mais precoce. Durante a Primeira Guerra, o departamento criado em 1882 por Albion Small possui identidade e destaque. Com o ingresso de Thomas em 1894, a pesquisa, que já estava em evidência, ganha nova orientação. A observação direta, a coleta de depoimentos, o contato efetivo com a população estudada, são traços característicos do tipo de sociologia que se pratica. A entrada de Robert Park em 1914 contribui para o maior crescimento e visibilidade do conjunto. Jornalista de formação, Park introduz na Sociologia de Chicago o interesse pelos problemas urbanos, em particular, e pela sociedade moderna, em geral.¹⁴

Ao final da Primeira Guerra e, mais precisamente, nos anos 20, a institucionalização da Sociologia está estabelecida em Chicago. Além de uma estrutura docente organizada, com cursos de pós-graduação, seminários, orientação de pesquisas etc., há financiamentos privados para projetos considerados de "utilidade pública", como trabalhos sobre o negro e delinquência

13. Ver Coser, 1980 e Shils, 1970, p. 779. Sobre os últimos aspectos, diz Shils: "Primeiro a sociologia se tornou institucionalizada na era do 'presidente universitário autocrático'. Tal presidente poderia criar um novo departamento se ele conseguisse persuadir o conselho a concordar e poderia obter recursos financeiros e a prática de sua solicitação ativa daria uma flexibilidade ao orçamento universitário que as universidades européias não possuíam" (idem, *Ibidem*).

14. É interessante observar que o rumo tomado pela Sociologia de Chicago, via Thomas e Park, inspira-se diretamente na orientação etnográfica do pensamento alemão, que curiosamente não se desenvolveu de maneira satisfatória nas ciências sociais naquele país. Os dois sociólogos americanos estudaram na Alemanha, e principalmente Park sofreu influência marcante de Simmel. Cf. Shils, 1970, p. 771.

juvenil, por exemplo. As principais teses produzidas no departamento têm publicação garantida nas *Chicago Sociological Series*, e o então existente *American Journal of Sociology* torna-se um órgão da universidade.

A Sociologia norte-americana encontra receptividade não apenas nas universidades, mas na sociedade de modo geral, que financia e emprega profissionais. O processo de institucionalização "foi reforçado por autoridades públicas e grupos civis que ofereceram financiamento e cooperação para a pesquisa, e por recursos da universidade e de filantropos privados. Tal processo foi nutrido por um crescente interesse público no assunto, por oportunidades de emprego para sociólogos como professores em 'colleges' e universidades (especialmente no Midwest e Northwest), pela associação profissional (The American Sociological Society) que promoveu um intenso clima de debate e um enorme público para a Sociologia de Chicago, e pelo Summer Institute of Social Research, que se manteve sólido aos sociólogos de Chicago dentro e fora do país" (Shils, 1970, pp. 772-773).

Tais características contrastam fortemente com a situação francesa. Aí, como já vimos, a Sociologia adquire forma institucional em torno de uma única figura — Durkheim — e de sua própria organização institucional — *L'Année Sociologique* —, e não devido a um sistema universitário mais amplo. Ao lado disso, a "nova disciplina" tem que concorrer de maneira desigual com a forte tradição intelectual das faculdades de filosofia e direito. Outro problema: a falta de recursos para a pesquisa até os anos 30, quando a intervenção da Fundação Rockefeller altera o panorama. Shils chama a atenção, também, para o fato de que a *entourage* de Durkheim consistia de intelectuais com aspirações fora da Sociologia, o que não poderia ser de outro modo devido ao inexistente mercado de trabalho (Shils, 1970, p. 765).

Devemos observar, entretanto, que embora o sistema universitário americano tenha vinculações mais profundas com a sociedade e que a Sociologia aí não tenha se desenvolvido somente ao redor de um professor, é inegável que a saída de Thomas em 1918 e a de Park em 1933 contribuem para o declínio progressivo de

Chicago. Somada a isto, a emergência de novos centros, como Columbia e Harvard, altera a distribuição do poder.

Falar em sociologia nos EUA até 30 é, então, referir-se à "Escola de Chicago". Curiosamente, a Antropologia não tem lugar nesta universidade no mencionado período. O desenvolvimento da antropologia norte-americana obedece a uma lógica distinta, em que o relacionamento com as demais ciências sociais ocorre posteriormente.

Tomando os anos 20 como parâmetro, podemos dizer que as pesquisas antropológicas se desenvolvem em contextos "semi-acadêmicos", ou seja, apenas metade dos profissionais trabalha como professores em *colleges* ou universidades, e os departamentos existentes se mantinham através de algum tipo de relação com os museus, que eram, de fato, quem financiava projetos (Stocking Jr., 1976, p. 9).

Um breve mapeamento revela que o campo se subdividiu em três grandes centros: Washington, Nova York e Cambridge, cada qual com seus respectivos satélites. Columbia e Harvard, onde se concentra a maior parte dos doutorados do período, reparam claramente o trabalho: enquanto a primeira se especializa em etnologia e linguística, a segunda volta-se para os estudos em arqueologia e antropologia física.

É inegável que a década de 20 constitui um momento de tensão na disciplina. Por um lado, a forte influência boasiana (sentida concretamente no controle dos conselhos de pesquisa, da *American Anthropologist* e de dois dos maiores centros universitários, Cambridge e Washington) traz o conceito de cultura para o centro da reflexão antropológica, por outro, a relação estreita dos departamentos com os museus alimenta o diálogo da disciplina com as Ciências Naturais. Esta tensão é fruto de um duplo movimento: ao lado da presença importante dos museus nos anos 20, verifica-se o começo de uma orientação interdisciplinar. Em 1925, a Antropologia passa a fazer parte do *Social Science Research Council*, em 1930, a associação profissional engrossa o *American Council of Learned Societies*.

A década de 30 representa um momento de ruptura. Assistimos a um enfraquecimento dos museus e à emergência de no-

vos contextos institucionais, onde se observa uma reorientação da Antropologia para as Ciências Sociais. Os novos departamentos — Chicago, Michigan, Wisconsin — organizam-se através de uma estreita relação com a Sociologia.¹⁵

Se até 20 muitas das características da Antropologia americana devem-se à influência de Boas, em 30 começa uma certa resistência à definição mesma de "escola boasiana" e proliferam as críticas ao "pai fundador".¹⁶ Os discípulos de Boas desenvolvem linhas inovadoras em suas proposições em direções diversas, com o auxílio de novas influências. Por exemplo, Jung e a teoria da Gestalt marcam o desenvolvimento de Ruth Benedict e de Margaret Mead, dando origem ao tão falado movimento "cultura e personalidade", enquanto o funcionalismo britânico gera o desenvolvimento de uma linha mais "sociológica" na Antropologia, através de F. Eggan. Talvez seja a "verdade econômica" a que mais permaneceu fiel aos ensinamentos de Boas, através de seus alunos Herskovits ("essencialmente boasiano", nas palavras de George Stocking) e Marvin Harris (Stocking Jr., 1970, p. 13).

Um termo da pesquisa propriamente dita e das áreas de interesse de trabalho, Stocking sugere que em 20, a partir do 1º *Pan-Pacific Sciences Congress* e da *Bayard Donnicke Expedition*, inicia-se uma série de investigações no Pacífico, sendo a Polinésia (com o *Bernice Bishop Mission*) o principal pólo de atuação dos pesquisadores ao final da Primeira Guerra. Iniciativas em direção à África começam a se fazer presentes, através de Harvard, do *Pitard Museum* e de Columbia. Somente em 30, entretanto, o continente africano passa a ocupar um lugar importante na antropologia norte-americana, tendo como seu maior porta-voz, Herskovits.¹⁷

15. Esta reorientação se deve também à forte influência do funcionalismo britânico na Antropologia norte-americana, através da presença de seus maiores representantes: Radcliffe-Brown, que permaneceu seis anos em Chicago, e Malinowski, três em Yale.

16. "Kroeber, que em 1941 falava em Escola Boasiana, protestou em 1935 dizendo que esta colma numa 'exatidão'". Ver Stocking Jr., 1976, p. 7.

17. "(...) é somente depois de 1940 que Herskovits tornou-se o pesquisador africanista que ajudou a estabelecer os estudos africanos como componente significativo da Antropologia cultural americana". (Stocking Jr., 1970, p. 11).

Analisando as teses produzidas no período, Stocking verifica que, a despeito das novas iniciativas, as pesquisas em “ultramar” não caracterizam o período entre-guerras: ao contrário, a área etnográfica mais explorada é o sudoeste dos EUA. Mesmo o projeto do *Handbook of South American Indians*, iniciado em 32 sob os auspícios do *National Research Council*, é mais um incentivador de pesquisas do que o resultado de um trabalho já existente.

A passagem dos anos 30, em suma, é clivada por rearranjos institucionais que influem decisivamente nas novas perspectivas da Antropologia norte-americana. O afastamento dos museus, os novos agentes financiadores (Rockefeller, National Research Council/NRC, Social Science Research Council/SSRC) e a relação com a Sociologia nos novos departamentos, orientam as linhas de pesquisa. E se os temas não são tão novos assim – como, por exemplo, a questão racial –, a abordagem o é. A preocupação com as questões de aculturação é prova disso.¹⁸

Tomando como referência o quadro esboçado para a situação das ciências sociais na França, não é difícil perceber as diferenças entre as antropologias que se desenvolvem em cada um dos países. Tratam-se de duas escolas que nascem e se ramificam em contextos distintos, de dois paradigmas opostos pelo vértice, com léxicos absolutamente particulares. Enquanto a “Escola Sociológica Francesa” fala em *universalidade*, em *homem* e em *sociedade*, a “Escola Culturalista Americana” trata do *particular*, de *indivíduos* e de *culturas*. A primeira busca recorrências para chegar a leis gerais; a segunda quer diversidades, diferenças. Os franceses trabalham com dados levantados por terceiros e a partir deles constroem explicações sociológicas. Os norte-americanos fogem às grandes sínteses generalizadoras – tão caras aos evolucionistas – apoiando-se no trabalho empírico.

Ao lado disso, nos EUA, a investigação antropológica “nasce” nos museus de ciências naturais e só nos anos 30 vai haver

uma proximidade com a Sociologia. Na França o movimento é inverso. Aí, a Etnologia (como preferem os franceses) é herdeira direta de Durkheim e da reflexão sociológica via Marcel Mauss, ainda que seus espaços de atuação sejam distintos (a Sociologia e Durkheim estão na universidade e Mauss na EPHE). Como se sabe, os museus na França constituem importantes centros da produção antropológica, mas através de um Rivet, por exemplo, antropólogo cultural discípulo de Durkheim. Se Broca, Topinar e Boule são representantes de um outro tipo de pesquisa “antropológica” (que também tem lugar nos museus), estreitamente ligada às Ciências Naturais, suas produções não dialogam com a Antropologia Cultural.

Podemos dizer que na França a Etnologia transita numa ampla área cultural, aproximando-se freqüentemente da Sociologia (e através dela da Filosofia) e do mundo das artes. Como não há verbas, as pesquisas de grande porte são realizadas somente a partir dos anos 30. Nos EUA, ao inverso, a disciplina tem uma orientação eminentemente empírica e um processo de institucionalização mais rápido. Sua visibilidade, porém, é restrita: os museus e a universidade. Os financiamentos disponíveis possibilitam o treinamento de pesquisadores e a exploração de novos campos de investigação.

Na verdade, é a experiência da guerra que dá um novo impulso aos programas de investigação e ao treinamento de antropólogos nos EUA. Após 1941, aponta Stocking, começa-se a falar em “antropologia aplicada”, e estimativas de 43 mostram que mais da metade dos profissionais em antropologia estavam envolvidos *full-time* com os esforços da guerra, sendo que 25% dedicavam-se parcialmente a ela. Os exemplos se sucedem: R. Benedict e M. Mead trabalhavam sobre hábitos alimentares para o NRC; Kluckhohn, Leighton e ainda Benedict estavam ligados ao *Foreign Morale Analysis Division of the Office of War Information*, realizando pesquisas na Romênia, Tailândia, Japão etc.; Fred Eggan dirige o *Far Eastern Civil Affairs Training School for the Army*; na Universidade de Chicago, e Julian Steward organiza o *Institute of Social Anthropology do Instituto Smithsonian*, no bojo de uma política estatal de cooperação e “boa-vizinhança” com a América Latina.

18. As figuras-chaves que trabalharam esta problemática são R. Redfield, M. Herskovits

e R. Linton que, inclusive, assinaram juntos o famoso *Schematic Memorandum on Acculturation*, em 1936.

Antropólogos são, então, enviados a diversos países, Brasil inclusive, para lecionar e organizar projetos (Stocking Jr., 1976, p. 35).

O desenvolvimento de uma antropologia aplicada no período da guerra estimula a expansão dos programas de treinamento de pesquisadores nas universidades:

"E, de fato, os 'area programs' que mais tarde se tornaram tão importantes para o crescimento da disciplina foram eles próprios o produto da experiência universitária no treinamento fornecido aos militares durante a guerra. De modo similar, o trabalho de campo fora do país que vinha se desenvolvendo no período entre-guerras recebe um grande impulso, particularmente na América Latina e nas Ilhas do Pacífico (onde a imediata experiência pós-guerra de governos militares forneceu o contexto para muitas pesquisas de campo)" (Stocking Jr., 1976, p. 36).¹⁹

BRASIL: UM INTERESSE OVERSEAS

O Brasil representa para os pesquisadores norte-americanos, a partir de 30 e, principalmente, nos anos 40, um campo inexplorado de investigação, que reúne temas de pesquisa para todos os gostos: de populações indígenas a negros, passando por contato cultural, racial, sincretismo religioso, entre outros.

Logo que "descoberto" pelos pesquisadores, o país é atravessado de ponta a ponta. O levantamento destas presenças mostrou-se inesgotável: a cada página folheada, um novo nome. Longe de pretender dar conta do material, o objeto aqui é perceber a dinâmica mais geral destes "fluxos". Ficou claro que para alcançar este fim seria inviável (pela falta de documentação disponível) acompanhar trajetórias individuais, orientação seguida para os franceses. Além da dificuldade prática, constatamos que a maior parte dos personagens que por aqui passaram tinha vinculação com um programa de pesquisa mais amplo.

19. Shils (1970) mostra que para os sociólogos a guerra, do mesmo modo, não representou um fechamento do mercado de trabalho. Ao contrário, boa parte deles foram absorvidos pelos centros de documentação e estatística envolvidos com a guerra.

Nosso recorte, portanto, orienta-se pelos projetos de investigação desenvolvidos a partir de acordos entre organismos internacionais e agências nacionais. São eles que fazem a ponte Brasil-EUA no plano das relações intelectuais, que possibilitam a vinda de inúmeros norte-americanos, assim como a saída de brasileiros. A análise dos projetos de pesquisa, como veremos, não elimina as diferenças entre os diversos personagens. Os desempenhos distintos que tiveram no país ficarão mais claros à medida que aprofundarmos a análise comparativa entre os que ficaram mais tempo. Mesmo restringindo a reflexão aos projetos, com certeza não cobriremos a totalidade deles. Pinçamos alguns que nos permitem ter uma idéia mais geral do período 30-60, bem como esboçar uma análise comparativa entre as regiões.

RIO DE JANEIRO

Os anos 30 merecem atenção não porque tenham sido palco de um programa de pesquisas claramente formulado, mas porque, naquele momento, o Museu Nacional teve um importante papel no que diz respeito à vinda de pesquisadores norte-americanos para o Brasil. Heloisa Alberto Torres é responsável por um intercâmbio com Branz Boas e Ruth Benedict, da *Columbia University*, e patrocina a vinda de jovens pesquisadores com o intuito de incrementar o treinamento de etnólogos brasileiros. Charles Wagley, que vem ao Brasil pela primeira vez em 39 beneficiando por este acordo, esclarece:

"A Universidade de Columbia tinha um acordo informal com o Museu Nacional do Rio de Janeiro para co-financiar estudos etnológicos no Brasil. Eu já mencionei William Lippkind, cuja pesquisa foi financiada pelo Museu, mas dois outros colegas, Ruth Landes e Hell (Quain), também estavam trabalhando no Brasil sob os auspícios do Museu" (Wagley, 1979, p. 5).

() grupo citado: William Lippkind passa quatorze meses entre os Carajá e, sobre eles, escreve um capítulo do *Handbook of South American Indians*; Ruth Landes, interessada no estudo das relações raciais entre brancos e negros, faz pesquisas na Bahia, cujos resultados encontram-se em *Cidade das mulheres*; Hell Quain pes-

quisa entre os Trumai e publica em 55, com Robert F. Murphy, *The Trumai Indians of Central Brazil*. Um quarto integrante do grupo, criado por Landes (1970) é Jules Henry, que trabalhou junto aos Kaingang, cujos resultados publicou em *Jungle people*.

Charles Wagley é, de fato, quem estabelece um contato mais prolongado com o Brasil como pesquisador. Passa quinze meses com os Tapirapé, entre 39/40, visita-os freqüentemente nos anos 40/50 e volta a vê-los em 65, quando passa seis semanas com o grupo (Wagley, 1979). Mas os Tapirapé representam apenas um capítulo na história das relações de Wagley com o Brasil. Basta olhar para o conjunto de sua produção para notar que suas vindas ao país foram várias e seus objetivos de estudo, inúmeros: grupos indígenas, comunidades camponesas, relações raciais, Amazônia etc.²⁰

Nos anos 50, os norte-americanos chegam ao Rio de Janeiro através de uma mediação: Anísio Teixeira e o *Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)*. Em 52, Anísio, que dirige o Centro de Documentação Pedagógica do INEP, faz um acordo com a Unesco no sentido de elaborar um grande *survey* sobre a situação educacional brasileira. Em 53, Charles Wagley e Carl Withers, técnicos da Unesco, redigem um relatório de sugestões ao projeto e, em 54, a idéia do *survey* é substituída por outra: a criação de um *Centro de Altos Estudos Educacionais*. Para formular os objetivos e organização do centro, a Unesco envia mais dois técnicos ao Brasil: Berram Hutchinson, sociólogo britânico e Oro Klinenberg. É este último o autor do “documento Klinenberg”, um verdadeiro programa do que, em 55 se cria o *Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE)*. Com a volta de Klinenberg para a Unesco, é Charles Wagley o responsável, ao lado de J. Roberto Moreno, pela implantação do CBPE: instalação da sede, planejamento de pesquisas, organização da parte administrativa, recrutamento de colaboradores etc.

20. Dentre os livros de autoria de Wagley ou editados por ele, incluem-se: 1949 (com Eduardo Galvão) – *The Tenetehara Indians of Brazil: 1953 – Race and class in rural Brazil e Amazon Towns*; 1958 (com Marvin Harris) *Minorities in the New World*; 1964 – *Brazil: crisis and change*; 1968 – *The Latin American tradition*; 1971 – *An introduction to Brazil*; 1974 – *Man in the Amazon*; 1977 – *Welcome of tears*.

Quando o CBPE é oficialmente criado em 28.12.55, os primeiros estudos já haviam sido iniciados. São eles: a) uma análise de Josiliete Gomes Consorte sobre o que os estudos de comunidades desfeitos no Brasil esclareciam sobre a educação nas comunidades estudadas; b) o trabalho de Luiz Costa Pinto e Valdomiro Bazzanella sobre estratificação social no Brasil; c) estudos sobre mobilidade social em São Paulo por Berram Hutchinson; d) pesquisa de Carlo Castaldi sobre assimilação de imigrantes em SP e pequeno *survey* sobre as manifestações de fanatismo religioso em Malacacheta; e) trabalho de Florestan Fernandes sobre relações étnicas no sul do Brasil (Mariani, 1982 e Corrêa, 1986).

Podemos observar que, desde as primeiras reuniões de organização do CBPE, o centro contava com colaboradores bastante variados: gente do Rio e São Paulo, educadores e cientistas sociais, brasileiros e estrangeiros.²¹ A mesma tônica é mantida por Darcy Ribeiro ao assumir a direção da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais. Darcy, que desde 53 coordenava o *Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural do Museu do Índio*, organiza no CBPE um curso de pós-graduação para a formação de pesquisadores sociais, entre 57 e 59:

“Com um programa de dois anos, em tempo integral, centrado na temática brasileira, ao fim dos quais o aluno deveria produzir uma monografia, reuniu como professores, cientistas que antes trabalhavam sem qualquer contato entre si: Oracy Nogueira, Jacques Lambert, Roberto C. de Oliveira, Berram Hutchinson” (Mariani, 1982).

No final dos anos 50 e começo dos anos 60, registram-se novas presenças norte-americanas no Rio de Janeiro: o *Summer Institute of Linguistics* e pesquisadores vinculados ao projeto Harvard-Brasil Central. O *Summer*, forte instituição com sede nos EUA, constituído por missionários especializados em linguística, com o apoio da *Wycliffe Bible Translators*, tem por objetivo traduzir o Novo Testamento para grupos não-alfabetizados.

21. Participaram das primeiras reuniões, entre outros: Fernando de Azevedo, Almeida Jr., J. Roberto Moreno, Luiz de Castro Faria, Antonio Cândido, Louival Gomes Machado, Berram Hutchinson, Florestan Fernandes etc.

O Instituto Lingüístico de Verão que teve uma ampla atuação na América Latina a partir dos anos 30, passa a trabalhar oficialmente no Brasil em 59, através de um acordo firmado com o Museu Nacional. Tal acordo era explícito no que dizia respeito à *exclusiva* atuação dos membros do *Summer* como lingüistas. Nesta primeira fase, a faceta universitária do grupo é a predominante:

"Foi, sem dúvida, um período de intensa atividade universitária para o ILL. Seus membros compareciam diariamente ao Museu Nacional, participavam da organização de fichários e arquivos, davam cursos de treinamento para trabalho de campo em lingüística para membros do Departamento de Antropologia, apresentavam conferências e seminários sobre o andamento de suas pesquisas" (Leite, 1981, p. 61).

Com a projeção de sua imagem de lingüistas, vários membros do *Summer* colaboraram em outras instituições de pesquisa, como o CBPE, por exemplo. Em 1960, são convidados para dar aulas no Departamento de Lingüística da recém inaugurada Universidade de Brasília e, posteriormente, no Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional (1968-1972). Em 64, com a crise da Universidade de Brasília e o esvaziamento do Museu, a equipe do *Summer* que permanece no Brasil articula novas alianças: em 69, estabelece um convênio com a FUNAI, que é renovado em 1973. Nesta nova fase de trabalho, a ação do *Summer* se distancia da pesquisa universitária e o seu lado missionário passa a prevalecer. Prioridade, agora, é dada à elaboração de cartilhas e à tradução de textos bíblicos.²²

O projeto Harvard-Brasil Central tem início nos anos 60 (62-67), através de um acordo Museu Nacional-Harvard University, com financiamento do *National Institute of Mental Health*. Roberto Cardoso de Oliveira era o responsável no Museu pela formação de pesquisadores, principalmente em seu curso "Teoria e Pesquisa em Antropologia Social", de 1960. David Maybury-Lewis, inglês radicado nos EUA, havia estado no Brasil em 55/6, quando passou oito

22. Sobre a polémica a respeito de uma nova possibilidade de atuação do *Summer* no Brasil, em 81, ver o número de *Religião e Sociedade* (1981).

meses entre os Xerente e em 58, em que esteve com os Xavante.²³ São eles os principais "orientadores" das pesquisas realizadas no âmbito do Programa, cujos resultados encontram-se publicados em *Dialectical societies: the Gê and Bororo of Central Brasil*, org. Maybury-Lewis, 1979.

() objetivo de tal projeto era reavaliar o material disponível sobre os índios de língua Jê do Brasil Central, trabalhados principalmente por Curt Nimnendajú. Até então, os Jê eram classificados como "marginais", em comparação aos índios da "floresta tropical", devido à sua pobreza tecnológica, de acordo com a leitura de Julian Steward no *Handbook of South American Indians* (48/49). O trabalho pioneiro de Nimnendajú com os Apinayé, Timbira, entre outros, que fará escola entre nós, é responsável pela reavaliação crítica de tal interpretação ao revelar a intrincada organização social dos grupos Jê (Da Matta, 1981).

São Paulo)

(Quando recorramos o período 40-50 para pensar a presença norte-americana em São Paulo, é preciso esclarecer que tal limite temporal foi estipulado a partir de um único itinerário: o de Donald Pierson, professor na EISP durante dezoto anos. Ainda que a atividade docente de Pierson tenha ocupado um papel fundamental em sua carreira bem como na história da EISP e da Sociologia paulista, a presente análise não seguirá tal caminho. Fernando P. Limongi, em seus ensaios "A EISP e o desenvolvimento da sociologia em SP" e a "Revista *Sociologia*" realiza esta abordagem, discutindo os diferentes projetos da USP (onde predominava um "ensino mais geral e teórico") e da EISP (que visava a formação de técnicos com competência administrativa), bem como a linha que Pierson irá imprimir ao projeto desta última, orientado teoricamente pela Sociologia de Chicago:

23. As experiências de Maybury-Lewis entre os Xavante e Xerente são deliciosamente narradas em *The Savage and the Innocent*, 1965. Maybury-Lewis colaboraria com Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria em 68, na criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, sob patrocínio da Fundação Ford.

“A chegada de Pierson à escola, em 39, altera o quadro descrito ao imprimir novos rumos ao projeto. A formação e o conhecimento produzidos pela escola passam a se inscrever no interior do mundo acadêmico. Não que esta dimensão estivesse ausente no momento anterior. O que se transforma é o fim do projeto, que deixa de se referir ao Estado e à formação de elites técnicas, para circunscrever-se à formação de sociólogos profissionais” (Limongi, 1987).

Na formação de sociólogos profissionais, segundo Pierson, teoria e prática, ensino e pesquisa, caminham juntos. Todo o seu esforço na ELSP foi justamente este: pensar a metodologia e a técnica de pesquisa, praticando-a. Durante o longo período em que Pierson esteve em São Paulo, dois programas de pesquisa importantes foram desenvolvidos sob sua direção: um em SP, outro no Vale do São Francisco. O que pretendemos aqui é, então, revelar estas facetas de Pierson: o *pesquisador*, que aqui inicia sua carreira na Bahia, em 35, e o *empreendedor de projetos* que, a partir de 45, é o responsável no Brasil pelo programa do Instituto de Antropologia Social do Instituto *Smithsonian*. Para melhor explicitação de nossos objetivos, talvez fosse conveniente acrescentar, ao subtítulo “São Paulo”, os termos “Minas Gerais” e “Bahia”.

Pierson “descobre” o Brasil na Universidade de Chicago, quando aluno de pós-graduação. Robert Park, seu professor, por aqui já havia passado durante uma viagem pelo mundo afóra e considerava o país um lugar privilegiado para o estudo do contato racial e cultural. Devemos lembrar que o estudo do negro era um tema caro aos sociólogos de Chicago e várias pesquisas foram feitas sobre o assunto.²⁴ Antes da vinda para o Brasil, em 35, com o apoio do *Social Science Research Committee* e verba do Rosenwald Fund, Pierson passa um período na Universidade de Fisk, no Tennessee — onde está Park no momento —,

24. Shils (1970, p. 808) mostra como o declínio do interesse intelectual pelo negro tem a ver com a decadência de Chicago. Só nos anos 60, este interesse seria reanimado com a urgência política da questão negra.

com o objetivo de ter contato com uma situação social semelhante à brasileira. Afinal, Fisk é uma universidade predominantemente de negros.²⁵

Pierson permanece vinte e dois meses na Bahia (35/37), após o que regressa a Fisk, onde escreve seu doutorado (*Negros in Brazil: a study of race contact at Bahia*, 1942) e orienta trabalhos ao lado de Park. Em outubro de 39, volta ao Brasil, agora para São Paulo, onde é contratado como professor catedrático de Antropologia Social na Escola de Sociologia e Política.²⁶

Quando tomamos contato com o funcionamento de Chicago, vemos que Pierson tentou fazer em São Paulo uma réplica deste modelo: primazia dos estudos pós-graduados, formação de grupos de trabalho, onde a cada estudante corresponde a um subtema da pesquisa mais ampla, sob a direção de um professor-doutor; além de seminários, leitura e orientação individual de alunos. Ou seja, com Pierson chega a São Paulo não só uma problemática trabalhada pela Sociologia de Chicago (os estudos de comunidades), mas também um modelo institucional.

Os projetos de pesquisa sob sua coordenação são classificados como momentos diferentes de um duplo propósito: a formação de pesquisadores em São Paulo e o conhecimento da cultura brasileira. Após a organização de pequenos estudos na cidade de São Paulo, pesquisas “de maior vulto” foram desenvolvidas no interior do Estado, por alunos da ELSP, sob sua supervisão. Em fins de 46, início de 47, Carlos Borges Teixeira realizou breves *surveys* em diversas cidades de São Paulo e Minas Gerais, até que foi escollida a comunidade ideal para uma pesquisa mais prolongada: Aragariguama (Cruz das Almas). Feita a escolha, Carlos Borges Teixeira passou a residir na vila de Cruz das Almas (de fevereiro de 47 a agosto de 48), após o que outros alunos foram auxiliá-lo no

25. Ruth Landes irá passar pela mesma iniciação em Fisk, antes da vinda para o Brasil, já que ali está Park, conhecedor dos problemas raciais e da realidade brasileira, através de seu aluno Pierson. Landes, de Columbia, enfatiza que também nesta universidade, via Boas e Benedict, há um grande interesse na questão racial.

26. Sobre a trajetória de Pierson, sua formação e relação com o Brasil, ver Corrêa, 1988, p. 8.

levantamento de dados (durante dezembro de 47 e janeiro e fevereiro de 48).

A intenção de Pierson ao estudar Cruz das Almas é "retratar a vida da população de uma zona rural" que é, no fundo, representativa de todo o Brasil rural. Isto não significa que ele fosse insensível às diferenças regionais, ao contrário. Mas o fato é que, *apesar delas*, "parte considerável" do que é registrado sobre a base ecológica, sobre a sociedade e a cultura de Cruz das Almas, é "provavelmente característico das populações rurais de todo o Brasil, com exceção das regiões ainda habitadas quase exclusiva ou inteiramente por tribos indígenas" (Pierson, 1986).

As etapas do trabalho e a metodologia empregada são claramente descritas por Pierson no prefácio à edição norte-americana:

"Assim, especialmente nas primeiras fases do estudo, procuramos conservar a investigação em bases empíricas quanto nos era possível, evitando enquadrar a matéria estudada num sistema preconcebido de categorias descritivas e analíticas, o que nos teria levado tão somente a dar destaque às idéias que já possuíamos antes (...). Achávamos, isto sim, que a organização dos dados deveria tanto quanto possível emergir da realidade, ao invés de lhe ser imposta".

A pesquisa no vale do São Francisco, também subvencionada pela ELSP, pela SUVALE e pelo Instituto de Antropologia Social do Instituto *Smithsonian*, constitui, segundo Pierson, um segundo passo no processo de formação de pesquisadores. Não se trata mais, como no projeto anterior, de jovens sob sua direta supervisão, mas de grupos de trabalho orientados por assistentes e professores, todos sob sua orientação.

O projeto do São Francisco tinha por objetivo um "conhecimento tão íntimo quanto possível" da vida do homem no vale e, a partir daí, apresentar afirmações gerais sobre a vida local. Para alcançar este fim, foram selecionadas cinco áreas de estudo, onde seriam realizadas pesquisas de mais ou menos seis meses em cada lugar. As diferentes "bases ecológicas" escolhidas foram: área de criação de gado (MG), região de pesca (BA), área de extração de calcário, a caatinga (com criação de cabra e gado) e, finalmente,

uma zona de cultivo de arroz. Para que se pudesse ter um conhecimento mais detalhado sobre o "papel do isolamento na vida local" e o "caráter da mudança social" que ali se estava introduzindo, decidiu-se pôr em contraste dois tipos de localidade, em cada uma das cinco áreas escolhidas: uma localidade mais tradicional e outra de maior contato com o mundo exterior (Pierson, 1972, pp.4-6).

Na apresentação da obra em três tomos, *O Homem no vale do São Francisco*, resultando do projeto (1960), Pierson esclarece:

"Talvez convenha explicar nesta altura algo mais a respeito dos três tomos. Fria-se neles a realidade empírica, em vez de dar-se maior atenção à generalização de grande vulto; e isto se faz propositalmente, e por três razões. Em primeiro lugar, o prezado leitor talvez possa ter uma visão mais íntima, e assim, compreensivo mais profunda da vida no vale, se esta é apresentada em porcionetes, como se tentou aqui. Além disso, o historiador do futuro terá dados concretos sobre a vida atual no vale, talvez difíceis de obter, neste contexto, ao menos de outro modo. Finalmente, e talvez ainda mais importante, apresentam-se empíricos que se coadunam mais com a orientação, e com os propósitos do cientista social" (Pierson, 1972).

Apesar da brevíssima apresentação dos projetos (mais dos objetivos do que dos projetos em si), pode-se apreender a preocupação fundamental de Pierson e dos estudos de comunidade: a fidelidade máxima à realidade empírica, a precisão e rigor na observação e descrição dos fenômenos. Além disso, através do estudo detalhado de *uma* comunidade (*ecologicamente relevante*), espera-se poder chegar à compreensão da sociedade nacional. A imagem da colcha de retalhos pode ser esclarecedora: é como se através de inúmeros pedaços que vão sendo colados uns aos outros, pudessemos chegar à totalidade.

Os estudos de comunidade foram objeto de várias críticas e praticamente rechaçados como modelo de análise, ainda que seja inegável sua importância numa determinada fase das ciências sociais brasileiras. Não vamos aqui, por hora, esmiuçar tais críticas e polémicas. Desejamos, apenas, chamar a atenção para o fato de que se trata de uma problemática importada diretamente de Chica-

go para o Brasil, com o auxílio de Pierson, cuja forte inspiração é o trabalho de R. Redfield em Yucatan, México.

BAHIA

Há muito, a Bahia constitui um pólo de atração para os pesquisadores, de diferentes nacionalidades, interessados nos estudos afro-brasileiros. De 1932 a 1940, mais precisamente, verifica-se uma verdadeira voga dos estudos africanistas. Dentre os especialistas estrangeiros presentes, destacam-se Roger Bastide, Franklin Frazier, D. Pierson, R. Landes, P. Verger, M. Herskovits (Azevedo, T. 1964, p. 65).

Melville Herskovits da *Northwestern University*, africanista dos mais destacados nos EUA, passa seis meses na Bahia, no início dos anos 40, com o objetivo de ampliar seus estudos sobre a aculturação. Como ele mesmo diz, em aula inaugural na Faculdade de Filosofia da Bahia, em 6.5.42, o "Novo Mundo" é palco de contatos raciais bastante peculiares não só de africanos com europeus, como de africanos entre si. Os problemas que Herskovits tem em mente são as formas africanas de conduta que mantiveram em mente sua identidade e as modificações oriundas do contato. Mas, por que Bahia? Porque, diz ele, além do estado reunir as maiores concentrações de descendentes de africanos no "Novo Mundo", aí excepcionalmente preservaram-se instituições e modos de conduta africanos. Mesmo línguas nativas são faladas até o começo do século, o que faz da Bahia um caso único (Herskovits, 1943, p. 10).

A experiência baiana permite a Herskovits comparar este material com o que tinha encontrado entre os daomeianos e iorubanos da África Ocidental, e também com outros grupos de ascendência africana no "Novo Mundo", como na Guiana Holandesa, no Haiti, em Trindade e nos EUA. Com o auxílio de seus orientados Octávio da Costa Eduardo e René Ribeiro, consegue ainda informações sobre o candomblé e outras instituições africanas no Maranhão e em Pernambuco.²⁷

27. Achamos importante destacar Herskovits, pois embora não estivesse ligado a um programa de pesquisas no Brasil (veio com bolsa da Rockefeller), incluiu o país em seu projeto de estudos sobre aculturação e daí levou alunos para os EUA.

Se até os anos 40 a Bahia é campo para pesquisadores isolados, a partir de 49 um amplo projeto de pesquisas tem lugar no estado. Cabe a Anísio Teixeira, secretário estadual de Educação e Saúde, com o auxílio de Eduardo Galvão (que completava o doutorado em Columbia na época), elaborar um plano de pesquisas em vários municípios baianos, com o objetivo de "coligir dados em que se fundassem projetos nacionais de educação, saúde e administração pública" (Azevedo, T., 1964, p. 69). A Universidade de Columbia, onde também Anísio já havia estudado, aceita o acordo e inicia-se, então, o Programa de Pesquisas Sociais/Estado da Bahia-Columbia University, um convênio do Departamento de Educação e da Universidade de Columbia, cujos diretores são Thales de Azevedo e Charles Wagley. O projeto, desenvolvido sob a responsabilidade da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, utiliza como metodologia os estudos de comunidade, com o propósito de estudar o processo de mudança cultural e social em várias regiões do Estado.

Seguindo a descrição de Wagley dos passos da pesquisa (Wagley e Wagley, 1970), verificamos que de 49 a 50, além de seminários realizados em Columbia com os pesquisadores norte-americanos e do trabalho de Thales com os assistentes no Brasil, foram selecionadas as áreas a serem trabalhadas: Recôncavo, Sertão, Floresta, Planalto Central do S. Francisco (esta última foi deixada de lado já que Pierson, na mesma época, iniciava o seu projeto de pesquisa na região). Em 50, chegam à Bahia Charles Wagley, Marvin Harris e Ben Zimmerman e decidem começar o trabalho por três zonas: Recôncavo, Sertão e Planalto Central. Em cada região são selecionadas duas modalidades de comunidade, uma considerada mais "tradicional" e outra mais "adiantada". Da comparação entre ambas, seria obtido um retrato da dinâmica e das mudanças ocorridas. Nas Montanhas Centrais, trabalham M. Harris e Nilo Garcia (*Minas Velhas: a study in urbanism in the mountain region of Central Brazil*, tese de doutorado defendida por Harris em Columbia); no Sertão, pesquisam Ben Zimmerman e Lincoln Allison Pope (cujo resultado encontra-se na monografia de Zimmerman *Monte Serrat no árido sertão do NE*); e no Recôncavo estão Harry

Hutchinson e Carmelita Junqueira Ayres (outra tese de doutorado em Columbia, *Vila Recôncavo: a sugar plantation community of the Northwestern coast of Brazil*).

Em 50 o projeto seria, de certo modo, incorporado por um outro. O Departamento de Ciências Sociais da Unesco, através de Alfred Métraux, que patrocina uma série de estudos sociológicos sobre o preconceito de cor no Brasil, propõe que seja feito um estudo das relações raciais em cada comunidade estudada. Os vários trabalhos resultantes da pesquisa foram organizados por Wagley e editados pela Unesco, *Races et classes dans le Brésil rural*. Em 51, novo pesquisador da Columbia chega à Bahia e realiza estudos na zona cacaueteira que dão origem a mais uma dissertação na Columbia University: *Economic cycles in Brazil: the persistence of a total pattern cacao and other cases*, de Anthony Leeds. Em 53, Carlo Castaldi, também de Columbia, inicia uma série de estudos sobre problemas urbanos e cultos afro-brasileiros em Ilaparica.

Poderíamos continuar enumerando estudos feitos e arrolando pesquisadores, mas tal procedimento não traria novidades para a análise (e o que é pior, a autora correria o risco de perder os leitores). Podemos observar, a partir do descrito, que o projeto Brasil-Columbia permitiu um grande fluxo de norte-americanos e uma profusão de trabalhos e teses foram realizados sob seu patrocínio. Além disso, representou um "estímulo" a novos projetos que seriam realizados nos anos 60: é como se o velho porto da Bahia fosse oficialmente aberto ao treinamento de pesquisadores norte-americanos.

BRAZIL COM Z, BAHIA COM H

Não resta dúvida que em termos de presenças estrangeiras nas Ciências Sociais brasileiras, de 30 a 60, os norte-americanos representam a maior parte. O presente texto fez referências apenas a alguns deles. Se o recorte fosse diferente, com certeza, uma série de outros nomes viria à tona.

De fato, quando selecionamos a missão da USP (e por comparação a da Universidade do Distrito Federal e a da Faculdade

Nacional de Filosofia, do RJ) como uma estratégia para a avaliação das presenças francesas, não nos enganamos. Fora estes nomes, poucos outros registrados: J. Vellard, M. Boudin, P. Rivet e mais dois ou três. Isto revela que a relação dos franceses com o Brasil se deu, preferencialmente, pela docência. E se a pesquisa em território brasileiro também era um interesse para os professores franceses, já que representava uma possibilidade de especialização temática que pudesse fazer frente aos africanistas, tão em voga nos anos 30, esta foi realizada como uma atividade secundária. Roger Bastide enfatiza a dificuldade em compatibilizar as atividades de pesquisador e professor da USP, o que foi motivo, inclusive, de desentendimento com Lévi-Strauss:

"Foi feita uma crítica na época, dizendo que se pedia ao professor francês para vir trabalhar para os estudantes e não para fazer pesquisas pessoais. Não vai fazer estudos pessoais ou só durante as férias; trabalhar só para os estudantes; não pode deixar a faculdade" (...). O resultado de tudo isso (da briga com Lévi-Strauss) foi que me impediram de fazer pesquisa; só durante as férias. E até mesmo durante as férias, o contrato estipulava que não podia se sair muito longe de São Paulo. E sempre dando meu endereço. Porque, se durante as férias, a faculdade precisasse de mim para dar aula no cursinho da faculdade, por exemplo, era obrigado a deixar as férias, para voltar a São Paulo" (Bastide, 1987).

Além das dificuldades provenientes das exigências contratuais, está claro que a França não possuía financiamento para pesquisas e que a Sociologia neste país não tinha a mesma inclinação empírica que a Sociologia norte-americana. Se os franceses, ao vir para o Brasil, esperam iniciar uma carreira acadêmica, fazendo pesquisas nas horas vagas, os norte-americanos, ao contrário, têm a pesquisa como objetivo fundamental. Aliás, é através dela que chegam até aqui.

O interesse de pesquisa dos estrangeiros concentra-se em dois temas, preferencialmente: estudo de grupos indígenas e de relações raciais, com todos os seus desdobramentos. Em termos dos estudos etnológicos, poderíamos dizer que os pesquisadores, preocupados com "suas" tribos e com a comparação entre elas, recor-

tam o território nacional segundo uma lógica particular. É como se o trabalho com índios colocasse diante do estudioso um mapa da América Latina onde estivessem localizadas as várias tribos. Os contornos do Brasil, no caso, não estão em destaque. O estudo das relações raciais, ao contrário, obriga o pesquisador a se preocupar com os limites geográficos do país, afinal o Brasil é um caso típico na América Latina no que diz respeito à presença africana. O "caso brasileiro" interessa como contraponto à realidade norte-americana e a outras realidades estudadas.

Os exemplos enumerados nos permitem construir um "quadro geral" a partir do qual os casos descritos ganham inteligibilidade e se explicitam tipos distintos de relação com o Brasil. Herskovits, por exemplo, pode ser tomado como um típico "pesquisador itinerante", que passa no país o tempo exato da coleta do material para sua investigação. Os vários pesquisadores que aqui chegam através do projeto Bahia-Columbia também podem ser descritos desta forma, já que estabelecem o mesmo tipo de relação "instrumental" com o Brasil.

No extremo oposto deste esquema, estariam os "pesquisadores sedentários" que permanecem um longo período no país. O exemplo mais notório neste caso é Donald Pierson, que se vincula à ELSI, embora "técnico" do Instituto *Smithsonian*. A pesquisa é o primeiro foco de interesse de Pierson e é ela a responsável pelas principais marcas por ele deixadas nas ciências sociais brasileiras. Pierson forma pesquisadores, organiza uma "Biblioteca de Ciências Sociais", edita a revista *Sociologia*, viabiliza projetos, já que obtém verbas. Não seria exagerado afirmar que mais que "um produtor de conhecimento", ele foi um "produtor de eventos".

Em uma posição intermediária entre os dois pólos, estavam os "pesquisadores sazonais", que entram e saem do país diversas vezes. Charles Wagley não estabelece uma relação institucional fixa com o Brasil; seus vínculos são a Universidade de Columbia (onde permanece como membro até 69), com a Unesco e com a Universidade da Flórida, a partir dos anos 70. Tudo leva a crer que o seu papel nas relações Brasil-EUA tenha sido o de mediador; tendo proporcionado a entrada de pesquisadores norte-americanos no

país e a ida de brasileiros para Columbia e, depois, Flórida. Tornou-se um especialista em estudos latino-americanos, em geral, e brasileiros, em particular.²⁸

Pensando estes personagens comparativamente vemos que apesar das inúmeras diferenças que os separam, um ponto de aproximação pode ser registrado: o interesse pela Bahia como campo de trabalho. O estado baiano e sua capital constituem o lugar da pesquisa por excelência, enquanto Rio e São Paulo representam muito mais uma porta de acesso ao país, uma possibilidade de suporte institucional (ainda que também tenham sido palco de diversas investigações). A Bahia aparece em várias falas como "o laboratório natural para estudo da sociedade humana", um verdadeiro paraíso dos africanistas, lugar onde uma série de professores norte-americanos iniciou suas carreiras: Marvin Harris, Anthony Leeds, Harry Hutchinson, Daniel Gross, Shepard Froman, D. Epstein...

O interesse pela Bahia aproxima um francês deste grupo de norte-americanos: Roger Bastide, talvez o mais ligado à pesquisa, entre os docentes.²⁹ Bastide começa a pesquisar em 44, após sete anos entre nós, e sob a rubrica "relações raciais", fez estudos sobre literatura, psicologia, folclore, estética, teoria, sociologia etc. Sua participação na vida cultural paulista foi notável e sua obra brasileira tão ampla que mereceu uma tese (Beylies, 1977). Se Bastide tem dificuldades em desenvolver pesquisas com os alunos, ao contrário de Pierson isto se deve à falta de verbas: "Tentei desenvolver o gosto pela pesquisa nos estudantes. Mas não me era possível sair com eles, ir ao interior fazer pesquisas... Só de vez em quando passava dois dias com eles no interior ou no Sul. Não havia verbas".

28. "Seus alunos, dentro e fora da disciplina, dominam os estudos brasileiros hoje". Se dominam ou não, de fato, não importa. O que interessa é que a frase indica a abertura de um campo de estudos sobre o Brasil, com Wagley. O volume *Brazil, anthropological perspectives, 1979*, de cujo prefácio foi retirada a frase, conta com a colaboração de vários norte-americanos que chegaram ao Brasil como tema de pesquisas, através de Wagley.

29. Não nos esqueçamos, porém, que outros franceses pesquisaram na Bahia, entre eles P. Verger e Péret.

Outro nome merece ser lembrado quando falamos em aproximação com os norte-americanos. Trata-se do suíço Alfred Métraux. Métraux tem uma biografia ligada à pesquisa etnológica, aos museus e à América Latina. Nos anos 40, adquire nacionalidade americana e engaja-se no Instituto *Smithsonian*. A partir daí, torna-se agente de grandes instituições: ONU, Unesco. É através desta última que se transfere definitivamente para Paris, como chefe do Escritório de Relações Raciais, e se aproxima do Brasil. Aqui, é o responsável pelo grande projeto sobre a questão racial desvolvido nos anos 50. Inserido numa série de outros projetos "antropológicos" da Unesco (como por exemplo, o projeto da Amazônia, 1946, e o projeto-piloto de educação básica do Haiti, 1948), o projeto sobre a questão racial toma o Brasil como laboratório com o objetivo de entender como aqui se produziu uma situação de tolerância e harmonia entre as raças.³⁰

Métraux é um dos únicos "franceses" que vêm ao Brasil com um suporte institucional externo. Os demais, ligados à docência, são contratados pelas universidades recém-criadas, o que faz com que suas relações com o país estejam mediadas por estas instituições e por seus criadores. É constante na fala dos mestres franceses da USP, por exemplo, a referência aos seus "amigos brasileiros": Júlio de Mesquita Filho, a família Prado, a família Porchat, em suma, a elite paulista da época.

Os norte-americanos, por sua vez, apóiam-se institucionalmente em seu país de origem, logo, ao chegarem ao Brasil, entram em contato imediatamente com os cientistas locais: Anísio Teixeira, Thales de Azevedo etc. Podemos dizer que, neste caso, exemplifica-se um tipo de relação mais "técnica" com o país: de pesquisador com pesquisador.

Quando falamos de presenças estrangeiras no Brasil, estamos tratando de viajantes que desembarcam no país em diferentes datas, com objetivos diversos. Uns ficam, outros passam. Uns tra-

30. Como sabemos, não foi a esta conclusão que chegaram alguns trabalhos feitos, como por exemplo, o de Roger Bastide e Florestan Fernandes, "O preconceito racial em São Paulo".

zem idéias na bagagem e deixam-nas aqui. Outros apenas levam dados. Um são *presenças*, outros representam *influências*. Os franceses que chegam para inaugurar a USP têm como missão atualizar e civilizar (o novo país. Os norte-americanos vêm um pouco mais tarde, encontram terreno menos virgem. Trazem *know-how* de pesquisa, estabelecem um trânsito prolongado entre os dois países. Tais personagens estrangeiros ("presenças" ou "influências", franceses ou norte-americanos) estabelecem relações diferenciadas com o Brasil, mas que são sempre indicadores de uma desigualdade básica entre centro e periferia.

ANEXO

CADHRAS ORIENTADAS PELOS FRANCESES NA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
(Com exceção da seção Letras)

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

1934 - Émile Cotonnet

1935 - Fernand Paul Brandel

1936 - Jean Gagné

1939 - Moderna e Contemporânea - Jean Gagé

- História Antiga e Medieval

1948 - E. P. Brandel (prof. visitante)

1948 - Émile C. Cotonnet

1949 - E. Cotonnet (prof. visitante)

METODOLOGIA E TEORIA DA HISTÓRIA

1957 - Jean Siffert

Obs.: Como professores visitantes, por períodos curtos, regeram cursos, entre outros: Frédéric Mauro (1953 e 1955), Maurice Lombard (1954), Marcel Bataillon (1953), Philippe Wolff (1952) e Jacques Godechot (1953).

SOCIOLOGIA I

1934-1940 - Paul Armand Bastide

1941-1954 - Roger Bastide

Política

- 1941-1945 – Paul Arboise Bastide
- 1947-1948 – Georges Gurvitch
- 1949-1951 – Charles Morazé

Geografia Física e Humana

- 1934 – Pierre Defontaine
- 1935-1946 – Pierre Monbeig
- 1947 – Roger Dion (Geografia Humana)
- 1948 – Pierre Gourou (Geografia Humana)

Obs.: P. Monbeig volta regularmente ao Brasil como professor visitante.

Economia Política, Finanças e História das Doutrinas Econômicas

- 1936 – François Perroux
- 1937 – René Courtin
- 1938 – Pierre Frommont
- 1938 – Paul Hugon

Filosofia

- 1934 – Etienne Borne
- 1935 – Jean Maugué (de 1939 a 1944 – História da Filosofia e Psicologia)
- 1947 – Gilles Gaston Granger
- 1948 – Martial Guéroult (História da Filosofia)

QUADRO III
CIÊNCIAS SOCIAIS BRASILEIRAS (1930-1960)

